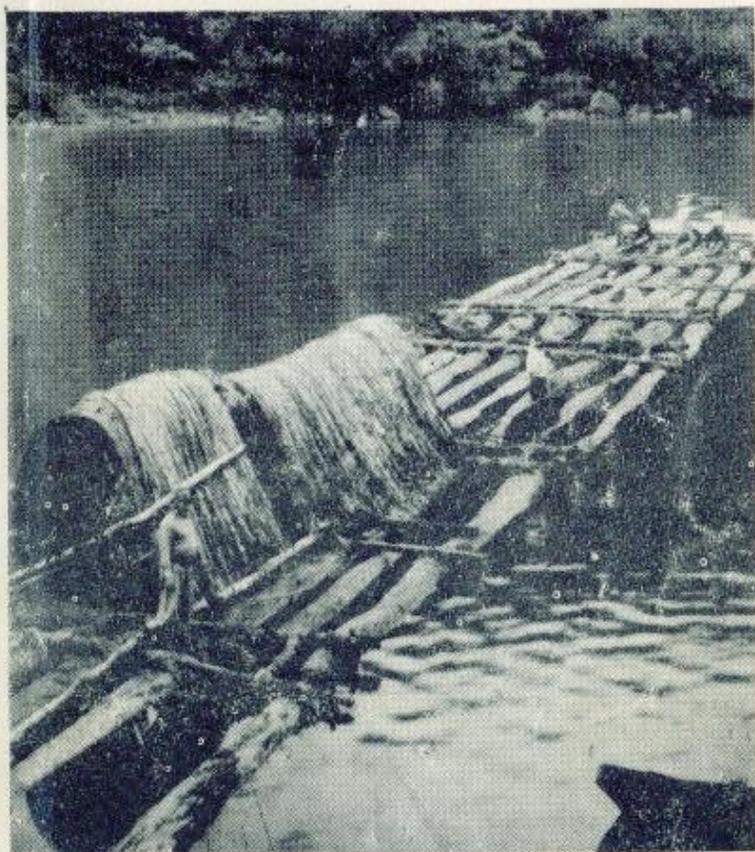




FUNDESTE

Fundação de Ensino do Desenvolvimento do Oeste



N.Cham. P 905 011R

Título: Cadernos do Ceom .



83691

Ac. 146978

v.3, n.4, maio 1988 UNOCHAPECÓ
CHAPECÓ

anização
do Oeste

4, maio 1988

CHAPECÓ - SC

**FUNDAÇÃO DE ENSINO DO DESENVOLVIMENTO DO OESTE – FUNDESTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR**

Diretor Geral: Prof^o Santo Rossetto
Vice-Diretora: Profa. Elisabete Rabaldo Bottan

INDEXADO

**Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste de Santa Catarina
-- CEOM**

Coordenação: Ilda Ana Brisot

Comissão Central: Cezer Luiz Cerutti

Guerina Alice Pedrotti Poli

Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz

Jaci Poli

José Carlos Ortiz

Nemésio Carlos da Silva

*OC 146948
er 03691*

**CADERNO DO CENTRO DE ORGANIZAÇÃO DA
MEMORIA SÓCIO-CULTURAL DO OESTE DE
SANTA CATARINA-CEOM**

Conselho Editorial

Coordenação Editorial

– Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz

– Nemésio Carlos da Silva

Membros

– Cezer Luiz Cerutti

– Guerina Alice Pedrotti Poli

– Ilda Ana Brisot

– Jaci Poli

– José Carlos Ortiz

Secretária Geral

– Helena Maria Sbruzzi

Reg. _____
COMPRA — DOAÇÃO
Ser. Acadêmica
DATA 16/03/93 CR\$ —

Sumário

- **Apresentação**
Santo Rossetto
- **Balsas e balseiros no Rio Uruguai (1930 – 1950) 7**
Eli Maria Bellani
- **CEOM, proposta de Museu: memória coletiva do Oeste 28**
Ilda Ana Brisot
- **Agenda CEOM 29**
- **Resenhas 31**
- **O CEOM na Imprensa 35**
 - No Oeste, o maior sítio arqueológico de Santa Catarina – O Estado
 - Definida a programação do I Simpósio de História do Oeste Catarinense – Diário da Manhã.
 - Criado o Centro de Memória Sócio-Cultural do Oeste – Jornal da ACAFE
 - O Oeste resgata a história de seu caboclo – Jornal de Santa Catarina
 - Três sítios revelam a história. Professora defende a preservação – Diário Catarinense
 - Museu resgata história de São Carlos. FUNDESTE tem amplo projeto – Diário Catarinense
 - Programação Cultural no aniversário de São Miguel do Oeste – O Estado

Balsas e Balseiros no Rio Uruguai (1930-1950)

Prof. Santo Rossetto*

A história do Oeste Catarinense não seria completa sem, pelo menos, mencionar, a fase da atividade de extração da madeira, de seu transporte mediante as famosas "balsas do rio Uruguai" e de sua comercialização na Argentina. Essa espécie de mercantilismo fluvial, não obstante seu caráter caseiro e tupiniquim, centralizou recursos financeiros nas mãos de madeireiros e comerciantes que passaram a desencadear o processo efetivo de produção e comercialização capitalista na região. Por via de consequência, ele tem íntima relação com o atual processo de agro-industrialização da economia regional.

Esses primeiros passos do extrativismo capitalista regional geraram episódios e figuras sócio-econômicas de grande significado histórico, sociológico e cultural. "Pioneiros" e "desbravadores" tem hoje estátuas, nomes de rua, de estádios, etc, em quase todas as sedes municipais do Oeste.

Quem são eles e como conseguiram realizar essa façanha? São perguntas que tanto interessam ao historiador como a qualquer curioso desse passado recente, principalmente considerando-se que alguns de seus principais protagonistas ainda vivem para enriquecer nossos acervos de memória oral.

É em consideração a seu caráter histórico marcante e não a seus aspectos folclóricos-aventureiros que o assunto "Balsas e Balseiros no Rio Uruguai" constitui-se em artigo de fundo deste número 04 do "Caderno do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste de SC - CEOM". Como sua própria introdução confessa, este artigo não tem a pretensão de ser um estudo aprofundado do tema, mas apenas uma descrição inicial.

Outro artigo deste número 04, intitulado "CEOM, Proposta de Museu: memória coletiva do Oeste", reafirma e divulga sistematicamente os pressupostos teórico-práticos da dinamização de comunidades municipais na implantação de museus, como atividades de cultivo da memória coletiva.

A soma desses dois conteúdos dá ao presente caderno do CEOM um peso significativo suficiente para que o leitor continue acreditando em nosso trabalho de resgatar a história e a cultura do "homem de fronteiras" do Oeste Catarinense.

2.1. Região Oeste

A região Oeste do Paraná Catarinense (OC) também conhecida como "Região do Vale do Município de Chapadão", localiza-se no planalto Oeste do Estado de Santa Catarina. (Ver Mapa 02)

* Diretor Geral do CES/FUNDESTE
Autor do Projeto CEOM

Balsas e balseiros no Rio Uruguai (1930-1950)

Eli Maria Bellani*

1. Introdução;
2. Aspectos geográficos;
3. A balsa;
4. O balseiro;
5. Empresas madeireiras;
6. Conclusão;
7. Glossário.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é de fazer uma primeira descrição do que foi o transporte da madeira, sua comercialização nos países do Prata através do Rio Uruguai, tendo como meio de transporte as balsas.

Utilizando a metodologia histórica contemporânea, o tema pesquisado enfoca o processo extrativo, o preparo da madeira até a confecção, largada e chegada das balsas nos portos compradores.

No período estudado, de 1930 a 1950, as atividades ligadas à madeira deveram-se à iniciativa, principalmente, dos pioneiros oriundos do Estado do Rio Grande do Sul. Porém, é preciso fazer referência a um número maior de categorias sociais envolvidas na atividade. Além do serrador existia o balseiro, ambos responsáveis pela manutenção desta atividade econômica por mais de uma década na região Oeste do Estado de Santa Catarina. Os balseiros constituíam-se numa classe numerosa de trabalhadores, responsáveis pelo transporte e entrega da madeira.

Extinta, hoje, esta atividade, marcou profundamente as gerações dos colonizadores osetinos, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento da região.

É de fundamental importância que o estudo histórico possa resgatar a memória deste período sócio-econômico, e o presente trabalho pretende ser uma contribuição inicial para isso.

2. ASPECTOS GEOGRÁFICOS

2.1. Região Oeste

A região Oeste ou Regional Colonial do Oeste Catarinense (IBGE), também cognominada "Região do Velho Município de Chapecó", localiza-se no planalto Oeste do Estado de Santa Catarina. (Ver Mapa 01)

Sede do Município	Data de Instalação
Povoamento	1917
Xaxerê	1919
Povoamento	1920
Xaxerê	1921
Povoamento	1927

* Professora Titular do CES/FUNDESTE

— Pós-Graduada em História: 1975/76 UFSC

— Pós-Graduada em História: 1986/87 UFSC/FUNDESTE

Até 1917 a região era disputada pelos Estados de Santa Catarina e Paraná. Finda a contenda de limites, passou a integrar o território catarinense. Em consequência e pela Lei Nº 1.147, de 25 de agosto de 1917, do município de Palmas (PR) foram desmembrados quatro outros: Joaçaba, Porto União, Mafra e Chapecó.

“O Oeste Catarinense era, ainda no princípio do século em curso, escassamente povoado, desprovido de estradas. A população vivia isolada em grandes áreas afastadas das regiões em que se processavam transações comerciais. A economia de subsistência dominava em todo o território...”
(Peluso, 1982/83, p. 368)

Em termos de colonização e fixação do homem, foi uma das últimas regiões do Estado a receber os imigrantes, hoje conhecidos como “Pioneiros” ou “Desbravadores”. Após a finalização da Guerra do Contestado (1915), começa a colonização do território que se processa principalmente em consequência da expansão da área colonial procedente do Rio Grande do Sul, particularmente de italianos e alemães.

“Desde o momento que se solucionou a questão do Contestado, as grandes promissoras potencialidades de colonização do Oeste Catarinense proporcionaram a alguns empresários a obtenção do governo catarinense de enormes concessões de terras, para promover esse processo de colonização...”
(FUNDESTE, 1975, p. 05)

Com a colonização gaúcha teve início entre outros, o ramo da atividade extrativa da madeira. “A preocupação era agora explorar os recursos florestais e cultivar o solo agressivamente. O Rio Uruguai, com suas cheias constantes, serviu de caminho para o escoamento de madeiras para a Argentina, em forma de balsas”. (ibidem, p. 06).

2.2. Município de Chapecó

Quando de sua criação, o município de Chapecó possuía uma área de 14.793 Km². A sede inicial foi localizada em Passo Bormann, anteriormente conhecida como Passo do Carneiro.

Por uma série de fatores, a sede do município era disputada também pela Vila de Xanxerê e mudou várias vezes, de um local para outro, de 1917 a 1931:

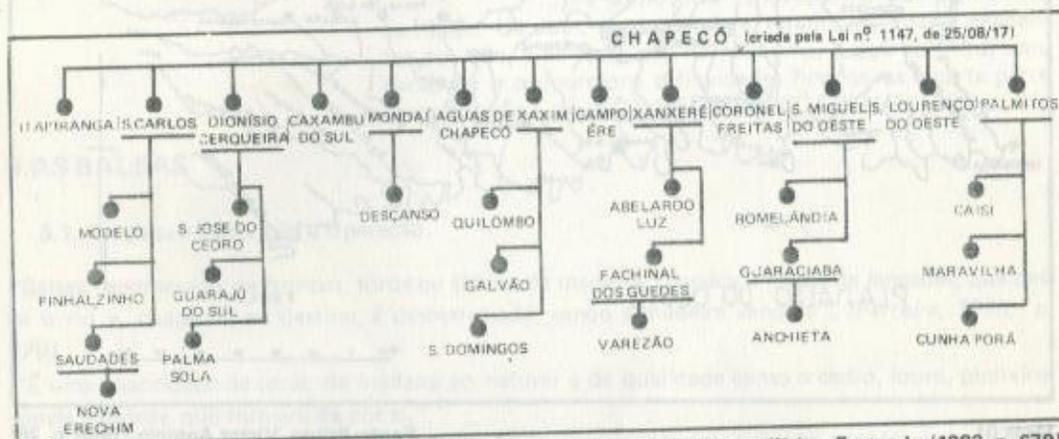
Data de Instalação	Sede do Município
1917	Passo Bormann
1919	Xanxerê
1923	Passo Bormann
1929	Xanxerê
1931	(localidade intermediária)

Tendo-se fixado definitivamente a sede do município na atual Cidade de Chapecó, o desbravamento de sua área efetuou-se impulsionado pelas diversas colonizadoras que se instalavam na região.*

Com o processo de colonização implantado, Chapecó e seus distritos foram crescendo e, assim, o desmembramento de sua área administrativa foi inevitável.

Deste desmembramento originaram-se 34 municípios:**

Evolução Municipal



Fonte: Piazza, Walter Fernando (1983, p. 679)

A riqueza das matas ofereceu condições para que o início da atividade econômica extrativa não fosse apenas um trabalho de "limpeza" da área, mas uma fonte de acumulação de riqueza.

Chapecó, na época, afastado dos centros principais do país e devido à falta de rodovias e de outros meios de transporte, passou a utilizar-se do rio Uruguai para o escoamento de sua produção madeireira.

2.3. O Rio Uruguai

O rio Uruguai é formado pelas águas de diversos rios tributários percorrendo grande parte das terras do Estado de Santa Catarina e servindo de divisor com o Estado do Rio Grande do Sul. (Ver Mapa 01)

* Para um melhor aprofundamento desta questão, consultar o Caderno nº 03 do CEOM/FUNDESTE

** No Caderno nº 01 do CEOM/FUNDESTE foram publicadas as Leis Estaduais de criação dos diversos municípios que se desmembraram do antigo Chapecó.

Assim, na época da atividade econômica extrativa, o rio Uruguai com suas cheias periódicas, ocasionava as enchentes e estas propiciavam as viagens com balsas de madeira.

"Seu papel, todavia, por apresentar condições de navegabilidade nos períodos de cheias foi muito importante nos primeiros capítulos da história da fixação dos grupos humanos e formação da sociedade econômica do Extremo Oeste." (LAGO, 1978, p. 135)

As cheias eram aguardadas com grande expectativa pela população que já havia empregado uma apreciável quantia de capital e de trabalho braçal.

A respeito, os jornais da época retratam os anseios da população:

"... há como uma renovação na vida econômica da região. Há duas, às vezes três e, raramente, quatro enchentes por ano, e as vezes não há nenhuma, o que constitui uma decepção e proporciona dificuldades financeiras à certa parte da população". (A VOZ DE CHAPECÓ, 28 Maio 1939, p. 01)

3. AS BALSAS

3.1. As Balsas: Descrição e Operação

"Balsas, aglomerado de troncos, toros ou tábuas de madeira, reunidos à feição de jangadas, que desce o rio e, chegando ao destino, é desmanchado, sendo a madeira vendida". (Ferreira, 1975, p. 179)

"É uma quantidade de toras de madeira ao natural e de qualidade como o cedro, louro, pinheiro, canela e outros, que flutuam de por si."¹

"É o meio de transporte fluvial que a gente fazia antigamente por falta de estradas e mesmo por falta de caminhão."²

Foi esse o meio de transporte que serviu para o escoamento da produção da madeira da Região Oeste do Estado de Santa Catarina e a consequente venda nos portos da Argentina e Uruguai: São Tomé, Passo de Los Libres e Itaqui.

São dois os tipos de balsas utilizadas no transporte da madeira, que, mesmo confeccionadas muitas vezes de forma rudimentar, exigiam de seus construtores conhecimento e, principalmente, experiência:

- de toros ou toras;
- de tábuas ou remorques.

Balsas feitas com toros ou toras

Quando a balsa era construída com toras, estas possuíam mais ou menos 10 metros de comprimento. As toras ou torradas, vocábulo empregado por muitos banqueiros, eram colocadas uma ao lado da outra.

(1) Entrevista realizada com Gentil Bellani, por Eli Maria Bellani, em 1975, depositada no Laboratório de História Oral da UFSC, p. 01 e 02.

(2) Entrevista realizada com Ury Grando por Eli Maria Bellani, em 1983, acervo particular, p. 01.

As que possuíam o mesmo comprimento formavam o chamado "Pelotão". Este era de 10 a 15 toras, amarradas a uma travessa de madeira de lei, forte, cuja espessura variava de 20 a 25 cm de diâmetro, chamada pelos balseiros de "lata". A lata possibilitava a amarração e fixação da madeira. (Ver Fig. 01).

Uma balsa de toras por sua vez, podia ser formada de 8 a 10 "pelotões". Esses eram amarrados um após o outro, e nas amarras utilizados o cipó "Gaimbé" ou então arame galvanizado.

Quando uma balsa de toras estava pronta, a mesma podia atingir de 130 a 150 metros de comprimento. Esse era o tamanho máximo permitido, pois o rio Uruguai faz muitas curvas e não apresentava condições de passagem a balsas maiores.

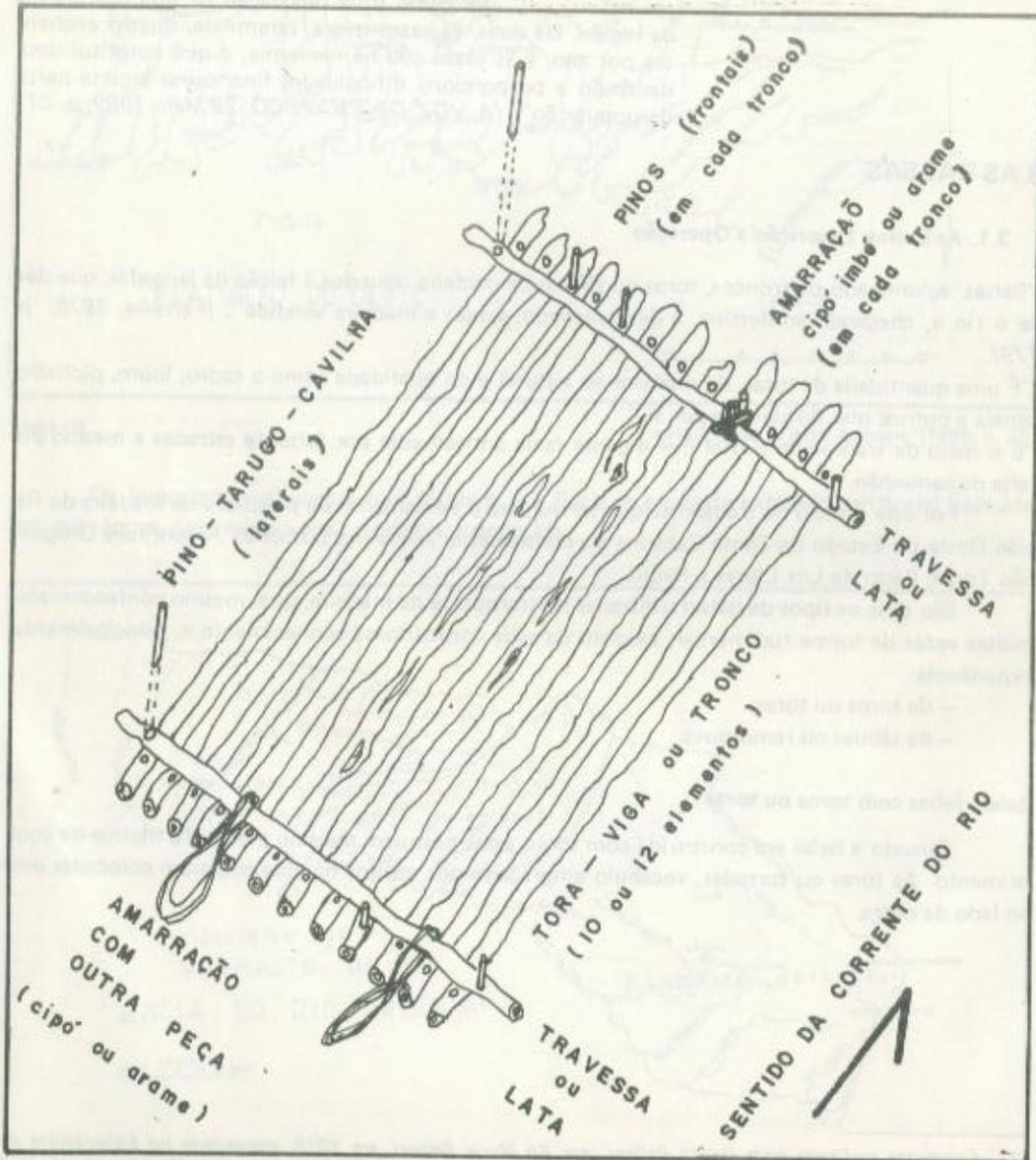


Fig. 01: Esquema da peça intermediária de uma balsa

Fonte: Bellani Filho, Gentil, 1987

Conforme BELLANI³... era considerada uma das maiores balsas a que era formada com 200 toras, mas, era muito perigoso."

Balsas Feitas de tábuas

As balsas feitas com tábuas, também eram chamadas de remorques.

Sua formação consistia no seguinte: o "pelotão das balsas de toras, era substituído pelo "Quarte!" ou seja, 30 maços de tábuas com as dimensões de 5,50 m por 30 cm de largura, medidas convencionais para a formação de uma balsa de tábuas.

Os "Quartéis eram amarrados pelo mesmo processo da "Lata" e da "Gravata".

3.2 Confeção da Balsa

A larga experiência e o profundo conhecimento, eram fatores importantes para a formação da balsa. O tempo necessário para sua confeção, sendo, formada de 5 até 10 pelotões ou quartéis (peça intermediária) variava bastante. O trabalho com a madeira pronta para o início da construção divide-se em 4 momentos:

1. O Corte das Árvores nas Matas pelos Torradeiros

"... se cortava dez pinheiros por dia. E, o cedro se cortava ligeiro, dez, vinte, conforme os peões que se tinha."⁴

"... um grupo de torradeiros para derrubar um pinheiro se compunha de três pessoas. Com um machado se fazia uma incisão e o pinheiro caía daquele lado da incisão, depois de feita a incisão com um serrote grande, serrote manual o serrote naquela época possuía de dois a dois metros e meio de comprimento. Uma vez no chão o pinheiro era cortado em toras de cinco metros e cinquenta centímetros, chegava a quatro metros e meio. Cortado em toras o passo seguinte era o trabalho complementar, descascar o pinheiro. Depois disso os arrastadores prosseguiam o estabelecimento da madeira, arrastando as toras com boi, com parelhas de boi. Dali os cartões levavam até as serrarias."⁵

2. O Arrasto da Madeira até as Serrarias

"... a vida era muito sacrificosa, o corte da madeira, o arrasto, a puxada até o rio. Naquela época não tinha caminhão, não tinha nada."⁶

(3) Bellani, cit. p.

(4) Entrevista realizada com Hugo de Almeida Campos, por Eli Maria Bellani, em 1983, acervo particular, p. 02.

(5) Grando, Ury, cit. p. 07

(6) Campos, cit. p. 02

“...as estradas eram atoleiros só até o Porto Goio-En (ponto de embarque madeira) ⁷

“... as serrarias que tinha por perto, por exemplo aqui em Chapecó, Serrinha, Passo Bormann ou mesmo ali perto de Xaxim, uma grande parte vinha de carroças, e outras de longe vigiam de caminhões, enfrentando atoleiros, chuvas e o barro.” ⁸

Nos depoimentos, observamos o trabalho empregado pelos homens e as dificuldades enfrentadas nessa etapa.



Fonte: Paludo, Biagio A. (1975, p. 15)

Foto 01: Serviço de extração da madeira

3. O Transporte da Serraria até a Barranca do Rio ou Canchadas

Nesta etapa as dificuldades também eram enormes no transporte.

“... a balsa consiste em primeiro depositar a madeira numa cancha. A gente chamava a barranca do rio, depois a gente ia embalando.” ⁹

(7) Bellani, cit. p. 10

(8) Entrevista realizada com Alfredo Jandir Grando, por Eli Marie Bellani, em 1983, acervo particular, p. 02.

(9) Grando, Alfredo J. cit. p. 01

"A madeira era puxada por caminhões, no começo era carroças, puxavam nas pranchadas do rio. Depois juntavam a peonada e transportavam as tábuas bem na beira do rio..."¹⁰

4. A Formação da Balsa

Uma vez a madeira depositada no rio, iniciava-se o trabalho das amarras na madeira: toras, quartéis ou pelotões. Nesta etapa o termo atio, empregado pela maioria dos balseiros entrevistados, significa "amarras". Quanto à formação de uma balsa, são elucidativos os depoimentos dos entrevistados.

Na balsa de toras:

"... procurava-se fazer, vamos exemplificar: toras de dez metros de comprimento, eram colocadas todas uma ao lado da outra e amarradas com uma travessa que chamava-se de lata. Eram amarradas por cima. Formava-se então um lote de 15 toras de 10 metros. Com isso fazia-se a largura, porque a balsa toda ela tem a mesma largura."¹¹

Enquanto que, na balsa de tábuas:

"... empacotar ela, botar dezoito polegadas em cada maço, cada pacote. Eram dois pacotes com dezoito tábuas de altura e daí atavam bem com arame e largar na água. Acolhera-se os maços um no outro e botava um barrote por cima de dois por seis centímetros e fazia as maneiras."¹²

"... os molhos eram feitos, os pacotes com trinta e seis tábuas, eram amarradas um a par do outro. Depois se atravessava dois barrotes que nós chamava de lata e em cima desses barrotes para não ter muito movimento, para ela ficar firme, então se botava mais outra que se chamava de largueiro. E essas latas e os largueiros para não correrem de um lado para outro, apesar que o movimento das ondas, das corredeiras sempre movimentada, a gente botava o tarugo que é um pedaço de madeira roliça com espessura de três a quatro centímetros. Então a gente amarrava esses dezesseis molhos e ia emendando um atrás do outro até completar quinhentas, seiscentas dúzias."¹³

"... tinha de tirar a dita lata, madeira de oito metros, conforme a largura da balsa pegar e atar. Esses atios, tinham que ter ao menos dez voltas encruzadas de cipó e depois ia mais uma amarração para encolher os quartéis, os lotes assim certos."¹⁴

(10) Campos, cit. p. 04

(11) Bellani, cit. p. 05

(12) Entrevista realizada com Ines Rotava, por Eli Maria Bellani em 1983, acervo particular, p. 01

(13) Grando, Alfredo J., cit. p. 06

(14) Entrevista realizada com Sebastião Hermenegildo dos Santos, por Eli Maria Bellani, em 1983, acervo particular, p. 02

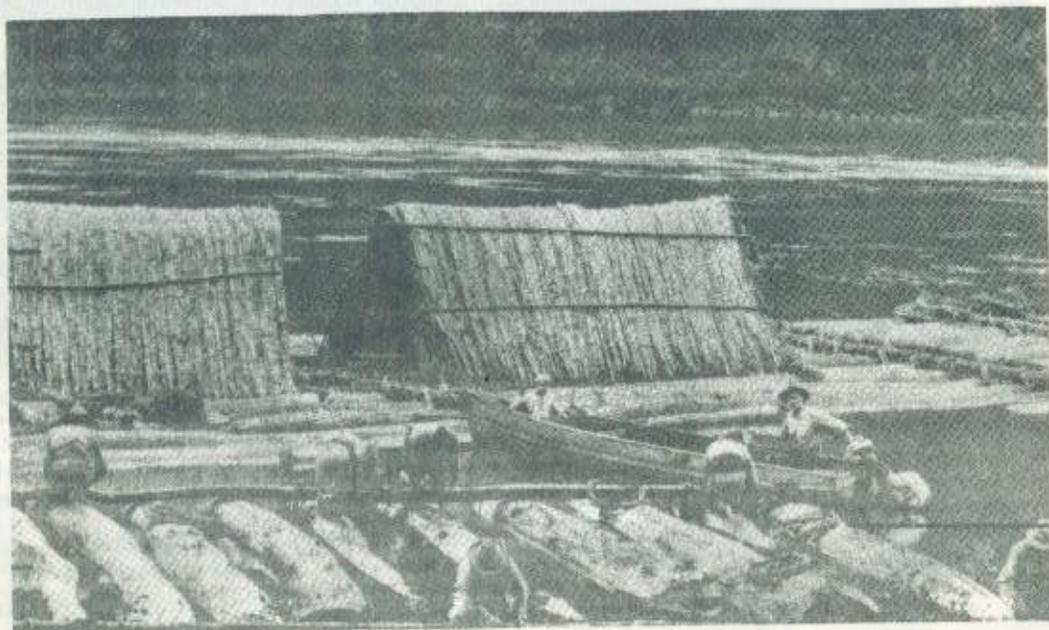
O número de homens empregados, em todo esse processo, variava de acordo com a época, a capacidade da empresa ou do serrador particular, em contratar pessoal de apoio.

Utilizava-se geralmente, para as amarras, o arame galvanizado, porém, o cipó (gaimbé - parasita), oferecia mais segurança, portando-se melhor durante a viagem no rio. Essa segurança é devida à sua maleabilidade pois resiste mais na água e leva mais tempo para deteriorar-se. Seu comprimento pode atingir entre 8 a 12 metros, daí seu aproveitamento.

Pronta a balsa, sobre ela construíam-se dois abrigos (ranchos), um para cozinha e outro para dormir. Esses abrigos eram cobertos com folhas de taquara e de guaricanga. Depois, era esperar a enchente e largar ou correr balsas no rio, entregando à madeira nos portos importadores.

"Quando tínhamos folga de aprontar a balsa antes da enchente, a viagem até que era muito boa, dava-se para construir um grande rancho para dormir e outro para cozinha, assim a viagem era boa não faltava nada. Entretanto quando a enchente apanhava a gente de surpresa, com a balsa ainda incompleta, a alimentação, o conforto, rancho, eram coisas secundárias ou nem se fazia. Fez-se algumas viagens sem rancho até a Argentina, tomando chuvas e frio."¹⁵

AMARRAÇÃO DE UMA BALSA



Fonte: Paludo, Biagio A (1985, p. 14)

Foto 02: Amarração de uma balsa

(15) Bellani, cit. p. 05

3.3. A largada das balsas

3.3.1. Ponto de balsa

A expressão "ponto de balsa" significava a oportunidade que os serradores e balseiros da Região Oeste tinham para realizar o transporte da madeira para a venda da produção no mercado comprador.

As chuvas torrenciais que em determinadas épocas do ano caíam na região, aumentavam o volume de água, verificando-se enchente, e o rio Uruguai (mesmo não sendo navegável) permitia assim o transporte da madeira de balsa. O curso de água tinha, em consequência, um aumento pelo mínimo de mais de seis metros. Com seis metros podia-se largar a balsa.

As enchentes eram esperadas como uma dádiva de Deus:

"Quando vieram as cheias que Deus costuma mandar ao rio Uruguai, descirão as balsas de madeira para a República Argentina". (*A VOZ DE CHAPECÓ*, 21 set. 1940, p. 01)

Até para o cancionero popular a cheia era a esperança de trabalho e de vida:

"Oba viva, veio a enchente
O Uruguai transbordou,
Vai dar serviço pra gente."
Vou soltar minha balsa no rio
Vou rever maravilhas que ninguém descobriu.
(*Barbosa Leite – letra e música*)

Havia grande desapontamento se por ventura o rio, mesmo com enchente, não atingisse o ponto de balsa:

"Com as últimas cheias caídas nos primeiros dias do corrente mês houve a esperança que a enchente do rio Uruguai chegasse ao ponto de permitir a descida de balsas de madeira para a República Argentina. Tal porém não ocorreu, as águas foram subindo e chegaram até quatro metros.



Fonte: Paludo, Biagio A. (1985, p. 14)

Foto 03: Detalhes dos remos da balsa

Os madeiros preparam-se, planos foram feitos, projetos, porque faltava meio metro de água na altura, e depois foi diminuindo, voltando pouco a pouco o rio ao nível aproximado do normal.”

(*AVOZ DE CHAPECÓ*, 28 abr. 1940, p. 02)

Assim, existindo o “ponto de balsa”, as amarras que prendiam a balsa nas pranchas ou pranchadas eram soltas: e iniciava-se a viagem.

A balsa podia ser levada a remos ou empurrada com lanchas. Quando os balseiros conduziam a mesma lancha, facilitava-se, até certo ponto, o trabalho.

Em condições normais de largada da balsa a emoção e alegria tomavam conta do pessoal. Existia a oportunidade de ganhar-se dinheiro.

“Era uma festa. Todo mundo queria largar mais adiante do outro. Depois quando chegava lá embaixo lá, era uma festa, entregavam a madeira, pegavam o dinheiro e iam farrear e depois vinham embora, muitos até sem dinheiro.”¹⁶

Vencer a enchente, chegar ao destino, realizar a transação comercial ou simplesmente entregar a madeira, era a recompensa de todo o trabalho realizado. Sendo a viagem proveitosa, os lucros também compensavam. Porém, ela poderia ser desastrosa, se por ventura houvesse algum acidente e esses eram frequentes.

3.4. A travessia

Pela Resolução nº 10 de 3 de setembro de 1943, foram criados oficialmente os Postos de Fiscalização, e Classificação do Instituto Nacional do Pinho com jurisdição nos seguintes locais de embarque de madeira:

Porto Goio-En e Chalana	– município de Chapecó
Caxambú do Sul	– município de Caxambú do Sul
São Carlos	– município de São Carlos
Passarinhos	– município de Palmitos
Mondaí	– município de Mondaí
Itapiranga	– município de Itapiranga

Esses municípios fazem limites com a barragem do rio Uruguai, como pode ser observado no Mapa 02. Quando o rio apresenta as condições de largar a madeira, sua chegada nos centros de recebimento do produto (Uruguaiana, Itaquí, Barra do Quaraí, Passo de Los Libres) significava, que um percurso de mais de 500 Km tinha sido atingido. Nesse percurso diversas ilhas, remansos, ressorjos, corredeiras, que muitas vezes dificultavam a viagem, tinham sido ultrapassados.

(16) Campos, cit. p. 08

"Os lugares mais marcantes e que tem perigo, começando pelo Porto Goio-En tem a Ilha do Cerne que isso a gente não conta, são ilhotas aí pouco prejudicada. Mas tem o Mulato, o Saltinho do Lameu, a Rapadura, a Ilha do Chapecó, a Corredeira Comprida, Passarinhos, depois vem as Ervas, a Fortaleza, Macaco Branco, Salto de Mucunã, depois dali tem o Ressorjo do Cipó, as Nove Voltas, o Saltinho do Sertão, a Corredeira de Santo Ezídio, a Cancha de Santa Maria." 17

"... depois vem o Salto Grande que é muito perigoso. Ele desmancha muito as balsas. Lá o pessoal não pode se segurar em cima da balsa e vai correndo. São dezesseis Km com uma caída e uma velocidade monstra de água." 18

O rio cheio com volume d'água acima de seu limite, a neblina quase constante, apresentava muito perigo de vida e, muitas vezes, a perda total do produto.

O balseiro-prático, experiente, era o responsável pela condução da balsa.

O tempo de duração de uma viagem, dependendo muito da intensidade da enchente, levava geralmente de 5 a 6 dias. O lema era: "Soltar, correr e chegar são e salvo."

Partindo com uma balsa do Porto Goio-En, município de Chapecó, nos conta o entrevistado:

"As dez horas da manhã, das nove às dez horas era hora boa para soltar, às seis horas, nós muito podíamos estar, se soltada daqui às dez horas, estávamos em D. José e conforme a água podia estar em São Carlos." 19

"Chegou-se a fazer viagem em cinco dias e três noite. Quando a enchente era escassa, tínhamos de aproveitar dia e noite, normalmente levava-se uma semana, dia e noite sem parar." 20

A época para se soltar a madeira pelo rio Uruguai, começava no mês de maio, junho e ia até setembro. Também aconteciam viagens no verão, quando havia temporada de chuvas temporâneas.

Os acidentes eram frequentes. Os balseiros relatam com muita precisão sua epopéia de correr balsas no rio. .

"Foram inúmeros os balseiros que morreram. Uma balsa que tem sessenta e tantas cachoeiras e corredeiras para atravessar atinge uma velocidade enorme. Para se ter uma idéia de um peso de 250 toneladas de dois metros cúbicos ou mais cada uma, tem um peso grande. Se bater num barranco, entrar numa cachoeira chega a subir dois, três quartéis no seco e ficar dependurada. A balsa vira por fora e uma parte fica no seco. Se acontecia de noite com serração, os peões que trabalham na frente, eram surpreendidos com a entrada pelo mato adentro." 21

{17} Grando, Alfredo J., cit. p. 05

{18} Campos, cit. p. 02

{19} Santos, cit. p. 02 e 03

{20} Bellani, cit. p. 04

{21} Bellani, cit. p. 04

“... lá no Santo Ezídio lá pela volta da Ilha Grande, deu um ressorjo (estouração da água) que veio e pegou a balsa e o peão João Maria. Ele caiu na frente da balsa assim e a balsa puxou ele para baixo. Nós procuramos e não achamos ele. Depois no descarregar a madeira lá em São Tomé, ele estava emprensado entre dois quartéis, tramiado, bem chatinho.”²²

“foi num ano da falta de enchente, eu peguei uma balsa do Amadeu Bóss para levar com o atio muito velho. Nós saímos daqui com um pouco de medo, saímos desgarrado do dinheiro. Quando chegamos no Salto se pegamos de noite. Além do salto não ser dos muitos mansos, se pegamos de noite, ainda tinha uma tormenta coisa séria. Quando saímos para baixo com 86 vigas, depois disso estávamos com 19 vigas. Fomos nessas 19 vigas a noite inteira, não tínhamos nenhuma roupinha para trocar, tudo estava molhado e fomos parar nas Nove Voltas”²³.

“Não só as ilhas, como tem as enseadas, os cruzos. Muitas vezes tinha de ir para o lado do Rio Grande e depois voltar para o lado de Santa Catarina, é a parte da frente que faz o cruzo. Se não fizer na hora certa depois não dá mais, a balsa a muque vai com o jeito da água. Se a água pegar errado vai errada.”²⁴

4. O BALSEIRO

O transporte de madeira pelo rio Uruguai, foi o responsável pelo aparecimento de uma classe de trabalhadores na região: a dos balseiros.

Uma balsa, quando de sua largada, possuía no seu comando, às vezes o próprio dono da madeira ou seus encarregados, pessoas de sua confiança, devido à futura entrega ou mesmo venda de produto.

Entre as pessoas que operavam no transporte da madeira, contava-se:

- o prático
- o peão

O prático era o elemento indispensável para o manejo da balsa. Homem que tinha grande esperteza e vivacidade, conhecia tudo, desde a formação da balsa, a época certa para o início da viagem, o nível do rio, os perigos das corredeiras, ressorjos, ilhas e os chamados chefradores que são as pontas de mata que avançam sobre o rio.

Um prático com dez a quinze peões, era o número necessário para conduzir uma balsa de 150 toras.

(22) Campos, cit. p. 03

(23) Santos, cit. p. 04

(24) Idem, p. 03

"Durante a viagem ele tinha que estar na ponta da frente, sempre cuidando..."²⁵

"Um prático já era assim uma profissão e disso também vinha a fama. O prático que conduzia as balsas até chegar lá em baixo, era procurado e cobrava um pouco mais. Mas não era muito. Um prático para ganhar na época quinhentos ou seiscentos mil réis, tinha de ser desses melhores, que pegava uma balsa e entregava inteira lá em baixo. Era na época bastante dinheiro. O peão ganhava muito menos. Peão bom ganhava cento e cinquenta a duzentos mil réis."²⁶

Alguns práticos mais conhecidos e de fama na região eram: os irmãos Dal Ponte, Américo e Hilário, Manuel Baron, Eufrásio Lemos, João Canoeiro, Artidor Pinheiro, Ermínio Turca, Gentil Bellani, Hugo de Almeida Campos, Alfredo Jandir Grando, Severino Spuldari e outros.

Em 1952, o então Presidente do Instituto Nacional do Pinho, Pedro Salles dos Santos, em discurso proferido na cidade de Chapecó, na sede da Cooperativa Madeireira Vale do Uruguai Ltda, assim expressava-se:

"Trata-se de uma vida nômade e os que a ela se entregam nem sequer são registrados em qualquer repartição. Seria aconselhável o seu registro, ainda que a título precário na Capitania dos Portos, a fim de que seu trabalho se realize dentro de normas gerais, visto como nas condições atuais os balseiros não exercem profissão definida, nem tão pouco recebem qualquer espécie de assistência. O Instituto dos Marítimos poderia incluí-los em seus quadros, para efeito de pecúlio ou pensão à família em caso do desaparecimento do chefe; o que de resto, é muito comum, nas corredeiras, quando as águas esfacelam as balsas ou remorques. Nessa região de aventura e de trabalho sem estabilidade, os balseiros as vezes se tornam instrumentos de indivíduos inescrupulosos."

(SANTOS, 1952, p. 47)

Não obstante isso, dizem os balseiros que valeu a experiência que tiveram, apesar dos sacrifícios e perigos que enfrentavam.

"Valeu, porque arrumei alguma coisa. Nos últimos anos eu não gastava o meu dinheiro, ganhava e segurava empregando".²⁷

"O companheirismo do pessoal em cima de uma balsa é bom, muito bom. Era uma alegria mesmo. O povo gostava. Eles desciam uma viagem e diziam que não iam mais. Quando o rio enchia já estavam viajando de novo",²⁸

(25) Santos, cit. p. 03

(26) Bellani, cit. p. 05

(27) Rotava, cit. p. 05

(28) Campos, cit. p. 03

5. EMPRESAS MADEIREIRAS

Na região Oeste mais de uma centena de firmas madeireiras se instalaram, neste período. Assim foi que em, 1940, na cidade de Chapecó, foi criada a Sociedade Madeireira Xapecoense, com objetivo de amparar a classe dos madeireiros que exportavam para a Argentina via rio Uruguai, melhorara a produção um único escritório de venda aos consumidores.

Na reunião de Fundação da Sociedade compareceram diversos proprietários de engenho de serra. A sociedade era por quotas e só foram admitidos como sócios os produtores.

Sócios fundadores: João Sutili, Ampélio Pan, Nestor Grando, Angelo Sartori, Guilherme Sartori, João Dala Rosa, Luiz Sudbrack, Emilio Grando por si e por Firmino de João Grando, Pascoal Moro, Pedro Rotava, Amadeu Maggioni, Pedro Loss, Casemiro Lazzari, Alberto Ferronato, João Oro por si e por Fiorindo Bosquiroli, Dante Travi, Eugenio Sordi e Fredolino Zimmer.

A Firma foi registrada em 11 de março de 1942, com capital inicial de *R\$ 420.000\$000, 34 sócios e localizada na cidade de Chapecó. Gênero de comércio: compra e venda de madeiras em geral assim como beneficiamento.

Em 1946 a referida Sociedade Madeireira foi incorporada à Cooperativa Madeireira do Vale do Uruguai Ltda, criada em 9 de setembro de 1944.

No município de Fachinal dos Guedes existia a Firma Migliorini Grando e Cia Ltda, que instalou-se em 1939 com capital inicial de R\$ 630.000\$000.

A firma Angelo Emilio Grando possuía duas grandes empresas, uma em Erechim (RS) e outra no município de Chapecó, instalada no Primeiro Distrito de Passo Bormann, registrada em 20 de março de 1944 com capital de **Cr\$ 250.000,00.

Angelo Emilio Grando era proprietário da Fazenda Rodeio do Erval, Quinhão Sexto, com uma área de Dezessete milhões, cento e dois mil e cinco metros quadrados (17.102.005 m²). Escritura pública: nº 6210, livro 3C de 9 de dezembro de 1941. Cartório do Registro de Imóveis – Comarca de Chapecó.

Os quadros a seguir, permitem visualizar o número de firmas registradas no período de 1936 a 1946 e que se dedicavam ao comércio madeireiro, bem como, conhecer as firmas importadoras da Argentina e do Uruguai (Quadros 01 e 02).

*R\$: Mil Réis

** Cr\$: Cruzeiros

ANOS	Nº FIRMAS	TOTAL CAPITAL
1936	24	R\$ 336.000\$000
1937	09	R\$ 130.000\$000
1938	09	R\$ 121.000\$000
1939	07	R\$ 178.000\$000
1940	11	R\$ 179.000\$000
1941	09	R\$ 99.000\$000
1942	15	R\$ 1.329.000\$000
	3	Cr\$ 95.000,00
1943	14	Cr\$ 225.000,00
1944	07	Cr\$ 325.000,00
1945	01	Cr\$ 20.000,00
1946	01	Cr\$ 100.000,00
TOTAL	107	

Quadro 01: Firms madeireiras registradas (1936 - 1946)

Fonte: Livro Registro Firms Comerciais - Comarca de Chapecó
Livros 1 e 2. Cartório do Registro de Imóveis.

NOME	CIDADE - PAÍS
1. ALBIM GIALORENZI E FILHOS	BUENOS AIRES - ARGENTINA
2. EDUARDO MARTINEZ E HIJOS	MONTEVIDÉO - URUGUAI
3. ANTONIO ANDRES FERRANDO	FEDERACION - ARGENTINA
4. JOSÉ WILNER	MONTEVIDÉO - URUGUAI
5. VERACHINA E SACCHI	CONCÓRDIA - ARGENTINA
6. HORÁCIO MIGNONES	CONCÓRDIA - ARGENTINA
7. FELDMANN HERMANOS	MONTEVIDÉO - URUGUAI

QUADRO 02: Firms importadoras

Fonte: Livro Contabilidade - Caixa nº 01 - Angelo Emilio Grando

Para se ter uma clara noção das operações comerciais realizadas com a madeira, transcrevem-se, a seguir três faturas de venda:

Livro Caixa n.º 1 A. E. GRANDO – CHAPECÓ

31 de outubro de 1948

Comprador: Antonio Ferrando – Federación – República Argentina. Minha fatura comercial s/n.º e declaração de venda n.º 7/48 de 1 balsa contendo 1380 dúzias de madeira e 10 peças reduzidas a 216 pés 2 de pinho serrado em bruto, de tábuas e pranchões conforme guia de exportação para o exterior do Brasil via rio Uruguai sob o n.º 82, referindo-se parte contrato de câmbio n.º CL 789 de 10.08,48 e cambial s/n.º ao preço "fob" * Barra do Quarai U\$ 580,00 – 1000 pés 2 e taxa de preço de Cr\$ 18,38, operação confirmada com o Banco do Brasil S/A de Uruguiana, conforme guia com um total de U\$ 524.000,00.

Livro Caixa n.º 1 – A. E. Grando – Chapecó

31 de outubro de 1948

Comprador: José Wilner – Montevideo – República do Uruguai. Minha fatura comercial s/n.º e declaração de venda n.º 09/48 de uma balsa de 55 vigas de cedro roliço em bruto (torradas), com 68.750 m3 ao preço de U\$ 40,00 por metro cúbico somando um total de U\$ 52.750 referindo-se ao total do contrato de câmbio CL 791 a taxa de Cr\$ 18,38 operação confirmada com o Banco do Brasil S/A – Uruguiana c/guia de exportação n.º 83 e cambial s/n.º.

Livro Caixa n.º 1 – A. E. Grando – Chapecó

Comprador: Verachina e Sacchi – Sociedade Repr. Ltda.
Data: 31.12.49

Minha fatura comercial s/n.º de 6 de junho de 1949 e declaração de venda n.º 2/49 de 411 roliços de cedro em bruto c/ 575,628 m3 à Cr\$ 1,044,00 m3 e 4 vigas de cedro bruto c/ 1196 m3 à Cr\$ 1.044,60 m3 "fob" Barra do Quarai, conforme guia de exportação para o exterior do Brasil n.º 47, operação confirmada com o Banco do Brasil S/A – Uruguiana referente a cambial n.º 2/49.
Valor Cr\$ 611.692,00

6. CONCLUSÃO

Para melhor compreensão do contexto sócio-econômico e cultural da Região Oeste do Estado de Santa Catarina, torna-se necessário proceder ao levantamento de uma bibliografia específica. O processo de desenvolvimento econômico que aqui ocorreu possui suas características singulares em relação as outras regiões catarinenses.

A pesquisa em curso, deverá ampliar e aprofundar seu campo permitindo, assim, elucidar melhor o crescimento e desenvolvimento regional. Antes disso, consegue-se apenas destacar que:

- a Região Oeste, possuía uma imensa floresta com os mais variados tipos e qualidade de madeira;

* fob: free on board (livre e bordo)

- após a fixação dos colonizadores provenientes do Rio Grande do Sul, trazidos pela ação das Empresas Colonizadoras, uma nova atividade econômica surgiu: a extração da madeira e a conseqüente comercialização aliada à de subsistência;
- o isolamento da região dos mercados internos, falta de estradas e mesmo de outros meios de comunicação, faz com que a população volte-se ao rio Uruguai para o transporte da produção;
- o escoamento da produção é feito pela via aquática através do transporte em balsas, aproveitando as épocas das cheias;
- o transporte de madeira em balsas, passou a ser a oportunidade de lucros para a população e foi o responsável pelo aparecimento de uma categoria de trabalhadores: os balseiros;
- com a abertura de novas estradas, e a implantação de outros meios de condução a madeira deixa de ser escoada pela via aquática e seu transporte é realizado por terra em caminhões;
- em função das circunstâncias anteriores, abrem-se perspectivas para o mercado interno da madeira, decaindo a exportação via Rio Uruguai.

7. GLOSSÁRIO

Elaborou-se o presente glossário a partir do contexto específico em que os vocábulos apareceram nos diferentes depoimentos, confrontados com Ferreira (1975)

- Arrastadores:** indivíduos que arrastam as toras até as serrarias.
- Atião:** Amarra, barbante para atar; atilho .
- Balseiro:** O que conduz balsa; barqueiro.
- Caíco:** Pequeno bote de fundo chato, próprio para navegar em águas baixas, caique.
- Canha:** Barranca do rio.
- Canchada:** Transporte da madeira até a barranca do rio.
- Chefrador:** Ponta de mata que avança sobre o rio.
- Encolherar:** Estreitar, apertar, contrair.
- Estaleiramento:** Acabamento.
- Gravata:** Travessa, lata.
- Largueiro:** Barrote.
- Lata:** Com o sentido de vara longa.
- Maço:** Pacote; conjunto de coisas atadas no mesmo liame ou contidas no mesmo involucro.
- Maneia:** Correia.
- Muque:** Força física.
- Pelota:** Embarcação ligeira, tosca e pequena, feita de um couro de boi interião, utilizada para transportar passageiros de uma a outra margem de um rio.

- Pelotão:** Na nomenclatura popular, cada uma das seções em que subdivide uma balsa; quartel.
- Peonada:** Grupo de peões.
- Prático:** Homem experiente conhecedor de zonas marítimas ou fluviais de difícil navegação.
- Quartel:** Na língua popular cada uma das sessões em que subdivide uma balsa; pelotão.
- Ressorjo:** Revira a água.
- Serrador:** Indivíduo que tem por ofício serrar madeira.
- Tarugo:** Espécie de torno usado para ligar duas peças de madeira ou de outra substância.
- Toradeiros:** Grupo de homens cuja tarefa é de derrubar árvores.
- Tramplado:** Com o sentido de aprisionado, como numa armadilha.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. GIGLIOLI, Albano. *História de Caxambú do Sul*. Mimeografado, s. d.
02. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
03. FUNDAÇÃO DE ENSINO DO DESENVOLVIMENTO DO OESTE. Distrito Industrial; estudo de viabilidade. Chapecó, FUNDESTE 1975, mimeo.
04. LAGO, Paulo Fernando. *Santa Catarina; dimensões e perspectivas*, Porto Alegre, EMMA, 1978.
05. MINTER-SERFHAU, Chapecó — *Estudo de Santa Catarina; plano de desenvolvimento — termos de referência*. Rio de Janeiro, s. ed., 1972.
06. PALUDO, Biágio Aurélio. *Álbum de Família*. Chapecó, Grafisel, 1985.
07. PELUSO, Victor Antonio. A Evolução da Cidade de Chapecó; De Povoador a Centro Regional. *Revista do IHGSC*, 3 (4): 365 - 99, 1982/83.
08. _____. O relevo do território Catarinense. *Geosul*, Revista do Dept.^o de Geociências, 1 (2): 07 - 70, Jul. 1986.
09. PIAZZA, Walter Fernando. *Santa Catarina; sua História*. Florianópolis, UFSC, Lunardelli, 1983.
10. PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPECÓ. Projeto de desenvolvimento Chapecoense. Chapecó, s. ed., 1973/78, mimeo.
11. SANTOS, Pedro Sales dos. *Marcha para o Oeste, elemento da grandeza do Brasil*. In: Zadar, Perfeito da Silva. *Chapecó e Joaçaba; a visita do Governador Irineu Bornhausen e sua comitiva*. Rio de Janeiro, Laemert, 1952.
12. A VOZ DE CHAPECÓ. Chapecó, 28 abr. 1940.
13. _____. Chapecó, 21 set. 1940.

FONTES PRIMÁRIAS:

Registro de Firms Comerciais. Livros nºs 1 e 2, 1936; 1942
Arquivo do Cartório do Registro de Imóveis; Comarca de Chapecó.

ENTREVISTAS:

01. Entrevista realizada com Gentil Bellani, por Eli Maria Bellani, em 1975, depositada no Laboratório de História Oral da UFSC.
02. Entrevista realizada com Hugo de Almeida Campos, por Eli Maria Bellani, em 20 de agosto de 1983, acervo particular, 15 p.
03. Entrevista realizada com Alfredo Jandir Grando, por Eli Maria Bellani, em 14 de agosto de 1983, acervo particular, 13 p.
04. Entrevista realizada com Ury Grando, por Eli Maria Bellani, em 09 de agosto de 1983, acervo particular, 20 p.
05. Entrevista realizada com Inês Rotava, por Eli Maria Bellani, em 12 de setembro de 1983, acervo particular, 06 p.
06. Entrevista realizada com Sebastião Hemenegildo dos Santos, por Eli Maria Bellani, em 09 de setembro de 1983, acervo particular, 10 p.

CEOM, proposta de museu: memória coletiva do Oeste

Ilda Ana Brisot*

"Conhecer o passado e preservá-lo não significa um congelamento da vida, mas sim descobrir que a história é feita do cotidiano dos homens, numa constante evolução no tempo e no espaço."

Wakahara, Júlio Abe**

Museu é um espaço para manter e preservar produtos de ação cultural do homem, testemunhos do seu passado. É também um local aberto à comunidade para reflexões, estudos e pesquisas. Os acervos existentes devem ser coletados, organizados e colocados a serviço do presente: da criança que não sabe e precisa conhecer, do idoso, desbravador e colonizador, que vive da lembrança do passado.

Abrir a porta, do tempo, não significa abrir um "depósito de velharias" e sim, abrir um espaço organizado, bonito, com pessoal de apoio, onde a dimensão de passado e presente possa ser visualizada. Onde o ontem emocione ao refletir a identidade de um povo, suas raízes e evolução.

Assim, um museu não significa apenas uma sala com "curiosidades de antigamente", sem uma preocupação maior em organizar, manter e renovar. Significa sim, uma área suficiente para, além de objetos representativos de um tempo, apresentar exposições temporárias, pesquisas, encontros, estudos e cursos que lembrem e componham o passado da comunidade. Significa também, preservar o que ainda existe: construções típicas da época, plantas nativas, rios dispoluídos...

Resgatar o passado através da coleta de fotografias, documentos e objetos auxilia no trabalho de reconstrução do passado sócio-cultural do povo oestino. Nesta perspectiva, se faz importante batalhar para que cada município mantenha junto de si, um ponto de referência que, reatando os laços com o passado, propicie também, uma real apreensão do processo histórico local.

O Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste de Santa Catarina — CEOM, divisão operacional do Centro de Ensino Superior da FUNDESTE, busca mobilizar todas as comunidades do Oeste e Extremo Oeste para que cada uma posua um local para expor sua memória.

Para isso o CEOM, propõe a criação de Centros Municipais de Memória que mantenham museus, definindo um ambiente físico, uma pessoa para coordenar e trabalhar permanentemente e uma Comissão Municipal para mobilizar a comunidade no resgate de expressões materiais de sua cultura. O CEOM presta assessoria permanente às Prefeituras que queiram reconstruir sua história através de reuniões organizadas pela administração municipal, orientando na pesquisa, na coleta, no processamento técnico, nas exposições, nas publicações de estudos relativos à História do Oeste e na dinamização dos espaços destinados especificamente para "Centros de Memória".

* Coordenadora do CEOM/CES/FUNDESTE

** Autor de diversos projetos culturais, entre eles o Museu de Rua desenvolvido em várias Estados do país.

Municípios onde o CEOM vêm atuando:

Águas de Chapecó, Chapecó, Coronel Freitas, Ipumirim, Itapiranga, Maravilha, Modelo, Mondai, Pinhalzinho, Quilombo, São Carlos, São Miguel do Oeste e Xanxerê.

(Próximo número, quadro com a situação atual dos Museus da Região)

Projetos aprovados:

Projeto **FRONTEIRAS** que prevê o resgate de fotografias históricas e levantamento da história oral, reconstituindo o tema "Índios, Caboclos e Colonos" o Homem de fronteiras do Oeste Catarinense". Este material permitirá ao homem oestino se auto-descobrir no universo histórico como agente cultural. Aprovado pelo Ministério de Cultura — MINC, após contatos mantidos com as coordenadoras de Assuntos Sócio-culturais do referido órgão: Ana Lúcia Cruz e Carla Coelho de Andrade.

Sub-projetos **EM HISTÓRIA ORAL, AUDIO-VISUAL E ARQUIVO PERMANENTE** que objetivam dar continuação ao projeto que implementou o Centro de Organização da Memória Sócio-cultural do Oeste de Santa Catarina — CEOM, pretendendo desencadear ações contínuas de resgate, preservação e promoção sócio-cultural.

Aprovado pelo CNPq, em 9 de fevereiro de 1988.

I - Simpósio de História do Oeste

Nos dias 25, 26 e 27 de novembro de 1987, realizou-se em Chapecó, o I Simpósio de História do Oeste Catarinense, numa promoção conjunta da Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC e a FUNDESTE. Na organização do mesmo, a Coordenação — Curso de Pós-Graduação em História, Centro de Organização da Memória Sócio-cultural do Oeste de SC — CEOM e

Setor de Educação Permanente — SEP do CES/FUNDESTE, contou com efetivo apoio das Prefeituras do Oeste.

Na oportunidade, os professores da UFSC: Carlos Humberto Corrêa, Jali Meirinho, Maria T. Sobierajski Barreto, Ondina Pereira Bossle, Rufino Porfírio de Almeida e Walter F. Piazza, juntamente com o professor Santo Rossetto, idealizador do CEOM/CES/FUNDESTE, na qualidade de expositores, discutiram sobre diferentes aspectos da história regional. Efetuaram-se, ainda, diversas comunicações sobre pesquisas de caráter histórico.

O evento, pioneiro a nível estadual, reuniu 335 participantes entre historiadores, pesquisadores, professores e alunos. Superando todas as expectativas e ultrapassando o tradicional caráter elitista de acontecimentos de tal natureza, o Simpósio possibilitou a divulgação e discussão dos últimos estudos históricos científicos realizados acerca na região. Pela dimensão dos trabalhos apresentados (ver na Seção **RESENHAS**, resumo das comunicações efetuadas na oportunidade) e pelo bom nível das discussões, o CEOM, juntamente com o Curso Pós-Graduação em História da UFSC, pretende, em breve, editar os Anais desta frutífera experiência.

Inaugurações:

— **São Carlos** — Museu Histórico de São Carlos no dia 10 de outubro de 1987, no antigo prédio onde funcionava há 50 anos o primeiro colégio do Município. Hoje completamente restaurado.



— **São Miguel do Oeste** — Centro de Memória e Museu Histórico Municipal de São Miguel do Oeste, na antiga prefeitura que foi reformada especificamente para este fim. Em 15 de fevereiro de 1988, na comemoração dos 34 anos de emancipação político-administrativa do Município.

Oficina Básica de Museologia

O CEOM esteve participando nos meses de outubro e novembro de 1987 de uma "Oficina Básica de Museologia" em Laguna-SC, promovida pela Fundação Catarinense de Cultura, Sistema Nacional de Museus e Prefeitura Municipal de Laguna, num total de 200 horas-aula. O curso desenvolveu atividades teórico-práticas de conservação, documentação, museologia, e programas comunitários em museus. A exemplo desta oficina, o CEOM encaminhou, através do representante do Sistema Nacional de Museus em SC, Fernando Romero, projeto prevenido um curso de treinamento na área museológica para o Oeste.

Mestrado

- Encontra-se no Rio de Janeiro, cursando mestrado na área de Antropologia Social, no Museu Nacional, a professora do CES/FUNDESTE Arlene Renk. Vem desenvolvendo projeto de pesquisa sobre a constituição e diferenciação do campesinato oestino, a par-

tir da etno-história dos dois grupos camponeses: o migrante gaúcho e o local, o chamado caboclo.

- Foi aprovada para o curso de Mestrado em História na UFSC, o professor Alceu Werlang, pós-graduado (lato-sensu) em história pela FUNDESTE/UFSC.

Caderno nº 05 do CEOM

A matéria de fundo do próximo Caderno do CEOM versará sobre o "Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Oeste Catarinense — um novo movimento social", tese apresentada pela professora Teresa Kleba Lisboa, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSC, para obtenção do grau de mestre em Sociologia Política (dez/1986). Trata-se de um estudo sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, sua organização, formas de luta e características. A autora analisa, também, o papel dos mediadores — Igreja, Comissão Pastoral da Terra (CPT), partidos políticos e sindicatos — em relação ao movimento.

De trabalhos enviados ao CEOM para análise e possível publicação.

1- INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DO OESTE CATARINENSE

Autor: João David Folador – São Lourenço do Oeste

Inicia o trabalho a partir da população indígena no Oeste e Sul do Brasil e a chegada dos Bandeirantes. Aborda a questão dos limites entre Brasil e Argentina, as Missões, a Guerra do Contestado e a disputa de divisas entre o Paraná e Santa Catarina. O povoamento do Oeste por migrantes gaúchos e o papel das colonizadoras. As leis que criaram os municípios do Oeste. Sobre a evolução econômica do Oeste, o autor cita a madeira e a erva-mate, destacando a importância do Rio Uruguai no transporte das balsas.

2. ÍNDIO CONDÁ

Autor: Paschoal Apóstolo Pítsica – Florianópolis

O autor traz à luz, alguns dados sobre o cacique Condá, personagem presente na História do Oeste e Sul do Brasil, que consciente ou inconscientemente, participou no trabalho de "domesticação" indígena, facilitando a entrada de colonizadores na região.

3- O INÍCIO DA IGREJA NO OESTE

Autor: Luiz Heinen – Iporã

Este trabalho de pesquisa, ainda não concluído, tem como fundamento a própria experiência pastoral do autor e sua vivência nas comunidades, principalmente as de Itapiranga e São Carlos. Trata-se de um estudo que, além de mostrar a evolução da Igreja na região, permite um entendimento mais aprofundado sobre a situação econômica e social da época em que surgiram as primeiras paróquias.

Das comunicações feitas no I Simpósio de História do Oeste

História Política

1. CREMA, Inês Zanela, *A política em Coronel Freitas, 1987.*

Este estudo aborda questões sócio-político-administrativas do município de Coronel Freitas, incluindo breve relato das sucessões governamentais, análise da atuação dos partidos políticos, bem como dos deputados estaduais e federais que representaram o município a nível estadual e federal.

2. SILVESTRIN, Alvirio. *S. O. S. Oeste; história do grande Oeste Catarinense, 1987. 200 p.*

Comunicação sobre um livro (ainda no prelo) que pretende ser um documentário dos municípios que formavam o antigo Chapecó. Fornece informações sobre as origens da colonização oestina e a respeito da emancipação político-administrativa dos diversos municípios. Enfatiza ainda, o papel desempenhado pela Secretaria do Oeste, reunindo depoimentos dos titulares dessa pasta.

3. **DESESSARDS, Elaine Maria Flores & Oro, Dirceu.** A evolução urbana de Chapecó em relação aos loteamentos. 1978. 44 p.

O trabalho analisa alguns aspectos referentes à evolução urbana da cidade de Chapecó, no período de 1934 a 1978, com atualização parcial até 1987. Com base em documentos, mapas de loteamento, custos dos lotes e dos censitários, verifica-se o notável crescimento demográfico, as direções tendências do crescimento urbano, acelerados pela instalação de indústrias integradas a região. Os mapas urbanos que constam no trabalho, possibilitam melhor conhecimento da localização, dimensionamento, processo evolutivo, comportamento temporal e espacial dos fatos. Trata-se, na verdade, de um estudo preliminar de investigação empírica baseada num quadro de referências teóricas.

4. **THOMÉ, Nilson.** Vestígios arqueológicos da Pré-História da Região do Contestado. 1987.

Relato das experiências desenvolvidas na função de arqueólogo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado de Capador (SC), com descrição das diversas etapas dos trabalhos de campo, de laboratório e do trabalho complementar bem como, exposição visual-descritiva das diferentes evidências arqueológicas. Faz referência às primitivas civilizações do Contestado.

5. **DMITRUK ORTIZ, Hilda Beatriz.** Síntese pré-histórica da região Oeste de Santa Catarina. 1987.

Trabalho de divulgação científica publicado no 2º Caderno do CEOM. Partindo do pressuposto de que a Pré-História e a Proto-História da região constituem-se em fontes de informações riquíssimas para o próprio estudo da história cestina, contextualiza aqueles, dentro do panorama pré-histórico mundial e nacional, tomando por base os dados das pesquisas arqueológicas realizadas nos últimos vinte anos, elenca os sítios arqueológicos regionais já mapeados, com a intenção de divulgá-los, contribuindo assim com a sua própria preservação.

Povoamento e Colonização do Oeste Catarinense

6. **SEHNEM, Dirce T. Drebel.** Casamentos em Porto Novo (1927 - 1934). 1987.

Sob a orientação da Professora Maria Theresinha S. Barreto e através da metodologia da História Oral, resgataram-se diversos aspectos da colonização do Porto Novo atual Itapiranga - e informes referentes: à migração da "Colônia Velha" para o Porto Novo; a propaganda para a venda dos lotes; aos casamentos realizados e sobre os meses de maior incidência dos mesmos. Através dos depoimentos de vários pioneiros, retrata a vida na nova colonização.

7. **REBETCHUK, Antonio.** A evolução da Igreja e o luso-brasileiro no Oeste Catarinense. 1987.

Com base na documentação arrolada pelo Pe. Adayr Mario Tadesco, vigário da Paróquia Santo Antônio, define três fases na história da Igreja cestina: 1º) antes de 1930, quando a ação da Igreja estava praticamente ausente e os habitantes da região seguiam a liderança religiosa dos monges; 2º) de 1930 a 1968, onde destaca-se a criação da Diocese em 1959; 3º) a partir de 1968, quando verifica-se uma transformação total na atuação da Igreja ao fazer opção pelos oprimidos e buscar sua conscientização. Com cronologia, relacionando os acontecimentos político-econômicos nacionais com os acontecimentos religiosos da região. A outra parte do trabalho tenta esclarecer a história do luso-brasileiro (caboclo) no Oeste.

8. POLI, Jaci. Caboclo; pioneirismo e marginalização. 1987.

Trabalho publicado no Caderno nº 03 do CEOM. Trata-se de um estudo sobre os grupos humanos que pioneiramente desbravaram o Oeste, os caboclos, e seu implacável processo de marginalização com a chegada do colonizador de origem européia. Relaciona as fases econômicas da região com as fases de ocupação humana e analisa os principais aspectos da marginalização a que foi submetido o caboclo. Propõe novas frentes de pesquisa, com a finalidade de verificar a situação atual dos descendentes destes luso-brasileiros. Acompanha cronologia de datas.

9. CATALAN, Tânia Maria Castelli. Estudo sobre os casamentos na antiga Colônia Militar de Xaçupé. 1987.

Criada pelo governo imperial, em 1959, para garantir a posse da terra foi instalada em 1882, deslocando, do Paraná para essa região, um contingente de soldados-colonos. Tal fato concorreu para a variada procedência da população no período estudado: 1889-90 e 1905-10.

Analisadas cento e trinta e três fichas de Casamentos, com dados obtidos no Cartório de Registro Civil de Xanxerê, verificou-se que a origem étnica dos noivos e noivas era predominantemente luso-brasileira. Os elementos alemães e italianos, salvo raríssimas exceções, ainda não haviam se deslocado das áreas de colonização européia do Rio Grande do Sul, para a região estudada.

10. ZUCCO, Clarice Ana Tessaro. A colonização em Coronel Freitas. 1987.

A presente pesquisa refere-se aos casamentos nos anos de 1958 a 1959, na Paróquia "São José" de Coronel Freitas, que até o ano de 1956, pertencia à Paróquia Santo Antonio de Chapecó, onde se encontram os primeiros registros.

Verificou-se que a colonização era essencialmente italiana, com a chegada de famílias já constituídas, vindas das mais diversas comunidades gaúchas, objetivando conseguir novas terras férteis para o cultivo.

*Homenagem Póstuma ao Dr. Antonio Selistre de Campos,
Juiz da Comarca de Chapecó de 1931 - 1957 **

11. BACKMANN, Jaime et alii. O humanitário Dr. Selistre de Campos. 1987.

Trabalho oportunizado pelo estágio do Curso de Estudos Sociais do CES/FUNDESTE. Teve como objetivo geral: preservar informações e documentos acerca do Dr. A. S. de Campos para possibilitar futuras pesquisas. Teve como objetivos específicos: localizar e organizar tanto sua documentação privada como suas publicações, afim de esboçar sua biografia.

Resalta a importância do mencionado Juiz no desenvolvimento de Chapecó, como também, sua valiosa contribuição para a defesa e promoção dos povos indígenas e mesmo dos caboclos, que encontraram apoio solícito na presença do magistrado.

* Com ocasião da homenagem, esteve presente o filho do saudoso magistrado: Dr. Raul José de Campos, Promotor de Justiça no Rio Grande do Sul.

12. WERLANG, Alceu A. A colonização e o processo de industrialização em São Carlos (SC). 1987.

Este estudo, aponta a importância da observação do contexto sócio-econômico nos estudos de cunho demográfico, além de traçar, um panorama do processo colonizador no município de São Carlos.

13. BELLANI, Eli Maria. O transporte de madeira em balsas pelo Rio Uruguai (1920-1930). 1987.

Relato de pesquisa iniciada em 1975, ainda em andamento. Enfoca a colonização gaúcha na região Oeste Catarinense e o transporte de madeira em balsas pelo Rio Uruguai. Descreve também, o árduo trabalho de exploração e venda da madeira, principal atividade econômica no período de 1920 a 1930. Caracteriza as diferentes categorias sociais envolvidas nesta importante atividade econômica.

NO OESTE, O MAIOR SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SANTA CATARINA

Chapecô — A região oeste catarinense é uma das mais ricas do estado em sítios arqueológicos, sendo que só no município de Itapiranga foram localizadas 52 jazidas. Apesar de poucos terem sido explorados até hoje, as urnas funerárias e outros objetos líticos encontrados, permitiram a realização de estudos sobre a povoação primitiva da área. As evidências determinam que a ocupação da região seria a mais antiga de Santa Catarina, tendo o Rio Uruguai como meio de penetração das primeiras populações pré-históricas, cerca de dez mil anos atrás. Também surgiram muitas lendas fantásticas por causa do desconhecimento científico, que ocasionaram excursões e destruição de urnas à procura de tesouros escondidos pelos jesuítas. Por outro lado, algumas das grutas foram transformadas em centros religiosos, onde são feitas promessas e procissões.

MONICA HASS
Reporter da Sucursal/OE

Frequentemente novos sítios são descobertos. Em abril deste ano uma equipe do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste de Santa Catarina (Ceom), ligado à Fundação de Ensino do Desenvolvimento do Oeste (Fundeste), visitou o município de São Domingos, aproximadamente 75 quilômetros distante de Chapecô, a fim de constatar informações recebidas sobre grutas que pareciam ter sido construídas em épocas remotas. Orientados por seu Bilim, um antigo morador do lugar, o grupo dirigiu-se à linha Dadam, a 18 quilômetros do município.

CERÂMICA

Os membros do centro des-

creveram que nas terras do colono Teodoro Gallub, num local de difícil acesso, foi encontrada num paredão rochoso semicircular de aproximadamente 100 metros de extensão, uma gruta de 1 metro de altura por três de comprimento e 1,5 de diâmetro, cavada em rocha de arenito mole, quartzoso e poroso. Diante do abrigo sob-rocha caem alguns filetes de água. O chão se encontra coberto com pedregulhos e possíveis resíduos de lascamento. De acordo com Hilda Beatriz Ortiz, licenciada em História e Estudos Sociais, os materiais colhidos seriam artefatos líticos lascados e denotam-se culturalmente pobres e mal acabados. A mata virgem recobre o paredão rochoso e a população da região acredita existirem outras grutas na área. Nas proximidades, cinco anos atrás, se encontravam

com facilidade cacos de cerâmica. Na localidade de Santo Antonio, moradores descobriram uma boleadeira e uma mão de mó (pequeno pilão).

No perau da Sanga do Inferno, que fica na propriedade de Carlos Niedzalkowski, também em São Domingos, foi localizado outro extenso paredão rochoso. Num local pitoresco, a parte superior da rocha projeta-se para frente, formando uma espécie de abrigo sob-rocha, de onde cai água em cascata. Hilda contou que na rocha visualizam-se escavações no basalto, na forma de pequenos nichos e se destacam pedras cristalinas. Seu Bilim, 50 anos, lembra que os mais antigos contavam ter encontrado uma santa numa dessas grutas. Hilda Ortiz questiona: "Teriam estas escavações sido feitas por grupos pré-históri-

* Hass, Monica. No Oeste, o maior sítio arqueológico de Santa Catarina. O Estado, Florianópolis, 02 ago. 1987, p. 06.

cos com sentido mágico-religioso? Ou apenas teriam sido feitas por mãos civilizadas?" Ainda nas pedras da Sanga que corre perto, existem partes mais aprofundadas, de 30 centímetros de largura por 8 de profundidade, na forma de patas. O grupo acredita na possibilidade de serem rastros de animais pré-históricos.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO EM XAXIM

Uma caverna subterrânea foi descoberta na cidade de Xaxim, a 32 quilômetros de Chapecó, tendo sido explorada no mês de maio desse ano, pelo arqueólogo Rossano Lopes Bastos, da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sohan), e responsável pela 10ª Regional de Arqueologia de Santa Catarina. Após uma semana de estudos, ele constatou que o local servia de refúgio para índios por volta de quatro a cinco mil anos atrás. Segundo o arqueólogo, o fundo foi escavado com unhas e ferramentas antigas. A princípio o sítio possuía duas entradas, mas devido a terraplanagem, uma desapareceu. A caverna tem três galerias, numa extensão de aproximadamente 25 metros, com uma média de 1 metro e 30 centímetros de altura por um metro e meio de largura.

DE SEDE FIGUEIRA

Já na gruta de Sede Figueira localizada a 25 quilômetros de Chapecó a comunidade instalou há vários anos, uma santa perto de uma cascata, que cai atrás da gruta. No interior da caverna encontram-se oferendas a espera de um pedido atendido. Ainda na ampla área foram construídos barracões para festas e procissões que acontecem todo ano. De acordo com Hilda Ortiz os sítios com sentido cerimonial se caracterizam "por difícil acesso, estarem localizados em paredões com proteções rochosas pela frente, de onde cai água".

A grande maioria das jazidas arqueológicas encontradas na região que registram a vida e costumes das nações Tupi, Gê e Guarani, ainda não foram exploradas, devido à inexistência de recursos humanos e financeiros. E a cada dia que passa, vestígios destas manifestações culturais são perdidos porque estes sítios sofrem atos de vandalismo, uns realizados em nome do progresso, como as lavouras mecanizadas, as hidroelétricas ou as novas rodovias. Outros decorrem de preconceitos ou de equívocos de interpretação: são destruídos por serem considerados coisa de bugre, ou arrebatados por caçadores de lendas e tesou-

ros. Hilda Beatriz Ortiz, fez uma "síntese pré-histórica da região de Santa Catarina, publicada no segundo caderno da Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste de SC.

PESQUISA

"É um trabalho que objetiva trazer ao conhecimento público em geral e dos professores em especial, os resultados dos primeiros relatórios técnicos da equipe de antropólogos da Universidade Federal de Santa Catarina e os dados de pesquisa arqueológicas realizadas nos últimos vinte anos", esclareceu Hilda. Sobre a pré-história de Santa Catarina, destacam-se as pesquisas do professor Walter Piazza, da professora Anna Maria Beck e do padre João Alberto Rohr, que durante vários anos esteve explorando os sítios da região Oeste. A arqueóloga Marilindi Goulart, da UFSC, também desenvolveu um programa de levantamento e identificação de jazidas no município de Chapecó — em convênio com a Prefeitura e no vale do Rio Uruguai, a pedido da Eletrosul/Eletrôbrás que executará um programa de aproveitamento hidroenergético na bacia hidrográfica do Rio Uruguai.

Baseada em dados ainda não conclusivos, Hilda procura reconstituir quais foram os grupos huma-



Gruta em Coronel Freitas. Um sítio arqueológico transformado em altar para cultos religiosos

nos pré-históricos que aqui viveram, determinando na medida do possível, sua origem, difusão e suas relações com outras culturas no espaço regional oeste. Ela colocou que, principalmente no município de Itapiranga, encontram-se artefatos líticos pertencentes à cultura alto-paranaense, uma das mais antigas inclusive a nível de Brasil, datadas pelo Carbono 14 (C14), em oito mil, seiscentos e quarenta anos de idade. No seu trabalho foram relacionados 52 sítios arqueológicos neste município, mais 11 em outros locais do oeste, alguns já mapeados, outros por mapear. Sem contar os dois sítios de São Domingos, o de Coronel Freitas, Sede Figueira e Xaxim.

CERÂMICA

Na região verificou-se dois

estágios culturais diferentes: o pré-cerâmico e o cerâmico. As inter-relações entre estes grandes períodos ainda não estão bem esclarecidos por causa da insuficiência de dados. O período mais antigo — o estágio pré-cerâmico, teoricamente teria começado com a entrada do homem, aproximadamente dez mil anos atrás. Neste período encontram-se grande diversidade de tradições culturais. A principal será a alto-paranaense, constituída por instrumentos feitos de pedra lascada e eixos rolados, machados, rapadores, facas, furadores, ponta de flexas.

A característica fundamental do período cerâmico, coloca Ortiz, é a utilização de uma tecnologia mais avançada na fabricação dos instrumentos e a introdução ou a

invenção da cerâmica. Este período mais recente já pertence a esta era. Pois os povos correspondiam aos grupos indígenas encontrados à época da descoberta do Brasil.

Eram povos coletores já no estágio agrícola. Os grupos: que se localizavam no litoral e nas margens dos grandes rios como o Uruguai e seus afluentes, pertenciam à tradição Tupi-guarani, ao passo que os grupos menores encontrados mais ao interior, correspondiam a tradição não guarani ou tapuias — grupo Gé (Xokleng e Kaingang). A pesquisadora constatou que os homens destas duas grandes tradições cerâmicas da região podem ser considerados os representantes étnicos da história primitiva ou proto-história regional.

Gruta histórica vira altar

Maximiliano Albert, um descendente de italianos vindo do Rio Grande do Sul, chegou em Coronel Freitas em 1955, quando o local ainda fazia parte do município de Chapecó. Mata era tudo o que existia na região, que pertencia a antiga fazenda Campina do Gregório, da baronesa de Limeira, de São Paulo. Quatro anos depois, em junho de 1959, o distrito, localizado à 18 km de Chapecó, desmembrou-se do oeste catarinense.

Seu filho Vitorio Albert, agora com 86 anos, havia se instalado há 14 anos nesta localidade onde comentava-se muito sobre a existência de uma caverna. Quando o pai de Vitorio tomou conhecimento insistiu durante vários anos com o seu Angelo Zanatta para explorarem a fim de acharem a tal caverna. Todo esse entusiasmo de seu Maximiliano ocorreu porque em sua propriedade, no Rio Grande do Sul, ele possuía uma gruta salpicada por pedras cristalinas, onde havia instalado uma santa e feito um altar religioso.

CULTO RELIGIOSO

Abrindo muitas picadas pelo exposto mato, em 1969, os dois exploradores localizaram uma caverna com uma abertura de aproximadamente 1 metro e meio de altura, por 9 de largura e uma extensão de 15 metros. Do alto surgia uma cascata, onde hoje somente correm alguns filetes de água, que muitos acreditam ser milagrosa. Com objetivo de transformar o local num centro religioso, seu Maximiliano escavou o chão até alcançar cerca de quatro metros de altura na en-

trada e instalou a santa Nossa Senhora de Lourdes. Porém ele faleceu antes de ver celebrada a primeira missa no lugar. Atualmente existe um altar, com vasos e velas frequentemente acesas, além de vários bancos na parte mais ampla.

A área de 6.500 metros, foi doada à Igreja Católica, em 1970 pelo proprietário José Pegoraro com a intenção de preservar a floresta nativa da região, onde ainda existem pés de Canela, Cabriúva, Angico e outros. Além disso, a igreja possui a intenção de transformar o local, situado na Linha Julio de Castilhos a três quilômetros da sede do município, num centro de romaria. Tanto que o espaço se encontra descaracterizado devido à terraplanagem realizada, bem como a plantação de palmeiras no caminho até a gruta. O lugar está totalmente adaptado para as festas religiosas, com pavilhões, luz elétrica e grama aparada. Uma vez por mês é realizada uma missa na gruta e a cada dois anos acontece a festa de Nossa Senhora de Lourdes.

Contudo, seu Albert, que foi prefeito de Coronel Freitas de 1969 a 1973, não acredita que índios ou outros homens primitivos tenham escavado ou habitado a caverna. Para ele, "é obra da natureza".

Mas outros moradores antigos da cidade já se posicionam favoráveis à idéia de a região ter sido explorada anteriormente, mesmo porque nos arredores também foram descobertos alguns abrigos subterrâneos, parcialmente destruídos por arados.

Nas proximidades encontram-se ainda objetos indígenas, como cerâmicas, boleadeiras e pedras.

Um centro para resgatar a cultura

O Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste de Santa Catarina, "nasceu da necessidade de se resgatar o conceito da cultura", afirmou o idealizador do projeto, o sociólogo e diretor da Fundeste, Santo Rosseto. Ele coloca apenas como manifestações esporádicas de um saber cultural próprio das elites. O diretor observou que o povo está privado dos conhecimentos científicos das coisas. Lembrando que a própria transformação dos sítios arqueológicos em centros religiosos prova isso. "É preciso que o povo entenda sua própria história a fim de não sublimá-la com histórias fantásticas, substituindo o científico pelo imaginário", insistiu Santo Rosseto.

A elaboração do projeto iniciou em 1983, sendo que no final de 85 recebeu auxílio financeiro do CNPO (Centro Nacional de Pesquisa e Tecnologia), possibilitando a sua implantação no ano seguinte. A primeira etapa constitui na visitação de todas as prefeituras interessadas em se tornar participantes do processo de resgate da Memória Sócio-Cultural do Oeste. Atualmente o centro se encontra fortalecendo os contatos com os municípios envolvidos, a fim de que eles organizem uma equipe para a coleta do material. Além disso, Santo Rosseto estará viajando nos próximos dias a Brasília para buscar novos subsídios junto à órgãos federais, mais precisamente no ministério da Educação e da Cultura, bem como outras fontes de financiamentos.

DEFINIDA A PROGRAMAÇÃO DO I SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO OESTE CATARINENSE*

Já está elaborada a programação oficial do Primeiro Simpósio de História do Oeste Catarinense que será realizado em Chapecó de 25 a 27 de novembro próximo, tendo por local o Clube Recreativo Chapecoense, numa promoção conjunta da FUNDESTE e UFSC.

O Simpósio que visa divulgar e discutir a produção histórico-científica sobre o Oeste Catarinense, bem como, o motivar o surgimento de núcleos de pesquisa histórica na região, será coordenado pelo Curso de Pós-graduação da UFSC em História, pelo Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste e pelo Setor de Educação Permanente da Fundeste.

Desde já a realização do Simpósio conta com o apoio dos pós-graduados em História (convênio FUNDESTE/UFSC), Prefeitura Municipal de Chapecó, Prefeituras da AMOSC, AMAI, AMEOSC e AMAOC.

A programação do Simpósio, aprovada pela comissão organizadora, será a seguinte: dia 25 de novembro, das 17 às 19 horas, inscrições de última hora; às 19 horas

abertura; às 21 horas, coquetel de recepção aos participantes; dia 26 das 9 às 10 horas, tema - História Política do Oeste - com a coordenação de Jali Meirinho; das 10,45 às 12 horas, comunicações sobre o tema; das 14 às 15,45 horas, apresentação do Projeto Memória Sócio-Cultural do Oeste, pelo professor Santo Rosseto; das 15,45 às 18 horas, tema - Fontes para a História do Oeste Catarinense, e apresentações de comunicações sobre o assunto. Às 18 horas, ainda dia 26, lançamento da 2ª Edição do livro do professor Walter Piazza e Laura M. Honer, "Santa Catarina, Terra e Gente". Dia 27, das 9 às 10,30 horas - "Povoamento e Colonização do Oeste Catarinense" - coordenação Maria Terezinha Sobisrajski Barreto, com palestra a apresentação de comunicações; após breve intervalo, continuação do mesmo tema. Das 14 às 15,30 horas mesa redonda coordenada por Rufino P. de Almeida, Walter Piazza e Ondina Bossle sobre História Econômica do Oeste Catarinense; das 15,45 às 18 horas, apresentação de moções e sugestões. Às 20 horas, jantar de encerramento do Simpósio.

As inscrições para participantes serão abertas dia 23 corrente e

permanecerão abertas até o dia 13 de novembro, a uma taxa de 300 cruzados; após, do dia 16 ao dia 25 de novembro, as inscrições passarão para uma taxa de 500 cruzados, sendo que alunos do 2º Grau pagarão apenas 100 cruzados. Os interessados deverão enviar cheque nominal junto com a ficha de inscrição em nome do Simpósio de História, ao Centro de Memória da FUNDESTE. Os interessados em participar como expositores deverão enviar até 3 de novembro, à FUNDESTE, a ficha de inscrição acompanhada de breve resenha do trabalho a ser exposto.

A coordenação do Simpósio já remeteu comunicação sobre o evento aos Supervisores locais de Educação das 11ª, 10ª, 12ª e 17ª UCRES, com sedes em Chapecó, S.M. do Oeste, Xanxerê e Concórdia, bem como aos Diretores das quatro UCRES e a mais um elemento do componente Curricular de Estudos Sociais, aos Diretores das Escolas básicas Municipais, Estaduais e Colégios, convidando-os para uma reunião, sobre o Simpósio, a ser realizada dia 20 de outubro no auditório da Secretaria do Oeste.

CRIADO O CENTRO DA MEMÓRIA SÓCIO-CULTURAL DO OESTE*

A FUNDESTE — Fundação do Ensino do Desenvolvimento do Oeste — de Chapecó, oficializou recentemente a criação do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste de Santa Catarina — CEOM, como divisão operacional do Setor de Planejamento, Pesquisa e Extensão do seu Centro de Ensino Superior.

O CEOM tem como função específica viabilizar o projeto homônimo de autoria do professor Santo Rossetto e que objetiva organizar o processo de salvaguarda do patrimônio cultural dos municípios da área de abrangência da Fundeste e promover a integração entre a educação e o conhecimento histórico regional. Os objetivos específicos que nortearam a elaboração do projeto visam:

- a) Desencadear, na Fundeste, uma real integração do ensino, da pesquisa e da extensão;
- b) Implementar um programa de ação participativa de toda a população, na constante descoberta e aproveitamento de seu acervo sócio-cultural;
- c) Organizar e manter, cientificamente, arquivos históricos co-

munitários de toda documentação histórico-cultural que for arrolada ao longo do processo de ensino-pesquisa no Oeste Catarinense.

Cabe destacar que se, na implantação do projeto foi decisivo o apoio financeiro recebido do CNPq, na criação definitiva do CEOM, foi fundamental o grande interesse e a boa acolhida por parte das autoridades das diversas prefeituras do distrito geo-educacional cõncias que estão da sua responsabilidade na valorização e preservação das raízes histórico-culturais. Tanto assim é que o projeto original previa iniciar a experiência com apenas dez municípios, mas já existem doze Comissões Municipais de Resgate da Memória Sócio-Cultural (Águas de Chapecó, Chapecó, Quilombo, Modelo, Maravilha, Itapiranga, Cel. Freitas, São Miguel do Oeste, São Carlos, Pinhalzinho, Mondai e Xanxerê), nomeadas através de decretos.

Com o envolvimento comunitário nas ações de resgate, estas equipes estão procedendo ao levantamento e organização dos elementos representativos de seu passado: memória oral, acervo fotográfico, documentação impressa e objetiva de valor histórico-cultural.

Em consonância com os objetivos do empreendimento, o afluxo de informações decorrentes dos estudos e pesquisas realizadas, é divulgado através dos Cadernos trimestralmente. No primeiro número dos Cadernos do CEOM, a matéria principal contém uma síntese histórica da região oeste polarizada por Chapecó, bem como a transcrição literal das leis estaduais que homologaram o desmembramento do Antigo Chapecó, área de abrangência do projeto e da própria Fundeste. O segundo Caderno, editado em junho/87, publica um bem fundamentado trabalho de divulgação científica, feito por Hilda B. Ortiz, que compreende uma síntese da pré-história regional, após sua contextualização dentro do panorama pré-histórico mundial e estadual. O terceiro Caderno, ainda no prelo, abordará a problemática do caboclo oestino e do seu papel na ocupação humana da região.

As ações e atividades do CEOM vêm despertando um progressivo interesse por parte das comunidades do Oeste, bem como por parte das autoridades municipais, de tal modo que, mesmo municípios não compreendidos na área do projeto já estão buscando no CEOM orientações e subsídios para trabalhos na linha e nos objetivos do projeto.

O OESTE RESGATA A HISTÓRIA DE SEU CABOCLLO

O CEOM — Centro de Organização da Memória do Oeste Catarinense está lançando o terceiro caderno que integra o Projeto de Resgate da Memória Sócio-Cultural da região, enfocando o hiato entre a História conhecida da presença indígena e a chegada dos colonos alemães e italianos, descendentes de imigrantes do Rio Grande do Sul. O trabalho de autoria do professor Jaci Poli é praticamente todo elaborado a partir de entrevistas com remanescentes do período em que sobreviveu o primeiro homem branco a habitar a região: o caboclo.

Chapecó — “Quando nasceu a Fundeste pretendeu caminhar com uma única perna, ou voar com uma única asa: exclusivamente o ensino acadêmico de aula. Hoje, está voltada para criar sua segunda perna, ou sua segunda asa, sair para fora de seus próprios muros e se inserir no seio da sua área de abrangência, na sociedade. Esta é a razão pela qual teimosamente volta-se a pesquisa e extensão”. Essa definição, proferida durante a abertura oficial do I Simpósio de História do Oeste Catarinense, pelo diretor-geral da instituição, professor Santo Rossetto, é a melhor forma de explicar os objetivos e o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste Catarinense, através do projeto Resgate da Me-

mória do Oeste. O projeto abrange inicialmente 12 municípios dentre os 34 oriundos do velho Chapecó, numa extensão de mais de 16 mil quilômetros quadrados onde vivem cerca de 800 mil habitantes. “Um universo geográfico e populacional que faz inveja a qualquer instituição de ensino superior”, complementa Rossetto.

O projeto já lançou dois cadernos contendo amplos levantamentos a partir da documentação fotográfica, de depoimentos, de publicações e do acervo histórico e cultural ainda disperso na região.

O próximo caderno ainda não lançado, aborda o caboclo, representante da população que sucedeu à ocupação indígena kaingang. Em linhas gerais, no povoamento regional, podem ser visualizadas três fases de ocupação, cada uma com atividades econômicas definidas. A primeira fase, até meados do século XIX, afóra excursões exploratórias portuguesas foi a ocupação pelos indígenas. A fase cabocla, que proporcionou a miscigenação entre as duas populações, foi iniciada pelos luso-brasileiros, cuja principal atividade era a agricultura de subsistência, o corte da erva-mate e o tropeirismo. Esta é a fase mais esquecida e a menos estudada de todas, razão portanto da atenção maior nessa publicação da Fundeste. A fase seguinte, bastante documentada, por ser mais recente, é a da colonização pelos alemães e italianos, oriundos do Rio Grande do Sul. Esses colonos passaram a adquirir terras das colonizadoras formando grandes frentes agrícola e pecuária que vai afastando aos poucos caboclo.

A região de Minas Gerais e dos cafezais de São Paulo necessitava importar alimentos, principalmente carne, que não era produzida ali. Como, no Rio Grande do Sul foram descobertos grandes rebanhos de gado “xucro” criado solto no campo, os paulistas começaram a pensar em transportar este gado para alimentação dos trabalhadores das minas e cafezais. Assim, surgiu

“A preocupação do governo era a penetração dos argentinos, principalmente em função da questão de limites, ainda indefinida”.

a estrada ligando Viamão a São Paulo, através dos Campos de Lages, em 1728. Por muitos anos, foi o único caminho para o trânsito de tropas, fazendo surgir vilas e, posteriormente cidades como Lages, Curitiba, Campos Novos e São Joaquim. O oeste catarinense, completamente desconhecido dos portugueses era ocupado pelos Kaingangs. Foram esses índios, que ao se aproximarem dos brancos, informaram sobre a existência de grandes campos na região de Palmas, hoje pertencente ao Paraná. A ocupação ocorreu rapidamente em 1838, com a formação de 37 fazendas de criação. Como o número de interessados era demasiado grande para instalar-se todos em Palmas, novas expedições foram organizadas, tendo chegado até os “Campos do Erê”, onde está atualmente localizado o município de Campo Erê.

* Vieira, Ageu. O Oeste resgata a história de seu caboclo. *Jornal de Santa Catarina*. Florianópolis, 29 e 30 de nov. 1987, p. 20

A região das Missões, no Rio Grande do Sul havia sido conquistada pelos espanhóis em 1801, mas o território entre os rios Iguaçu e Uruguai continuava com seus limites bastante indefinidos. A região oeste era formada por matas, que não permitiam a criação de gado e dependiam de trabalho de desmatamento. Para iniciar a colonização, em 1845 o alferes Francisco da Rocha Loures foi encarregado de abrir a estrada. Como a picada teria que passar por territórios de índios hostis à presença do branco, o encarregado preocupou-se em conseguir a ajuda de cacique Vitorino Condá, que conhecia bem a região e poderia contornar a resistência indígena, pela grande ascendência sobre eles. A estrada foi implantada passando a partir de Palmas, através dos rios Chapecó e Chapecozinho, pela Campina de Xanxerê, Serra do Tigre, Passo Ferreira, Passo do Carneiro (mais tarde chamado Passo Bormann), GóioEn, Nonoai, e Vila de Cruz Alta.

Na margem do rio Uruguai, os correntinos (argentinos de Corrientes) penetravam cada vez mais em território brasileiro, em busca da erva-mate abundante na região. A penetração dos argentinos era preocupante para o governo brasileiro, principalmente em função da questão de limites que ainda estava indefinida. A construção da estrada trazia uma esperança de povoamento e ocupação, o que determinaria que o território fosse incorporado definitivamente ao Brasil.

O trânsito de troca provocou o surgimento de pousos, iniciando a penetração significativa de brasileiros em busca da exportação de ervas nativas. Nova estrada foi aberta em 1862, pelo major Manoel Marcondes de Sá, novamente com o apoio do cacique Condá. Ao chegar em Campo Erê, Marcondes de Sá descreveu que a situação dos brasileiros que ali viviam era "vexatória e condicionadora à indolência e à miséria" pela grande dificuldade de comunicação com as regiões mais povoadas, como Palmas.

"A ação governamental preocupou-se em garantir a posse sem garantir o desenvolvimento econômico do oeste".

Os poucos, ao longo dessa nova estrada, transformaram-se em pontos de povoamento, ao mesmo tempo que tornavam mais atrativas as terras, ricas também em madeiras nobres.

No ano de 1881, os argentinos informaram ao Brasil que os rios Peperi-Guaçu e Santo Antonio, indicados como limites do Tratado de Santo Ildefonso, eram os rios Chapecó e Chopim, bem mais dentro de território brasileiro. Após esse episódio o governo imperial decidiu instalar as colônias militares de Chapecó e Chopim, visando assegurar a posse sobre o território em questão. As colônias militares já estavam criadas desde 6 de novembro de 1859, mas a instalação só foi efetivada em março de 1882, sob o comando do capitão José Bernardino Bormann, inicialmente na localidade de Campina de Xanxerê, em região próxima do caminho de tropas, abrangendo uma área de 48 léguas quadradas.

A ação governamental brasileira preocupou-se somente em promover as ações necessárias para garantir a posse de território, sem preocupar-se tanto com o desenvolvimento econômico e social do oeste catarinense. Conforme o decreto da criação da colônia militar, o capitão Bormann poderia distribuir títulos de terras e promover a colonização da região. A finalidade básica era definida no artigo segundo como "a proteção dos habitantes dos Campos de Palmas contra os índios, ao mesmo tempo em que deveria promover a catequese e civilização dos silvícolas".

De 1882 a 1910, a colônia militar distribuiu 55 títulos de propriedades a agricultores. Com a desativação da colônia militar, houve a redução da exploração comercial da erva-mate pela queda do preço e pelas dificuldades de transporte, diante da inexistência de estradas. A situação dos habitantes se tornou praticamente insustentável, quando em seguida, com a queda da exportação de erva-mate, os compradores desapareceram. Muitas pessoas passaram a não contar mais com o dinheiro para adquirir produtos básicos de manutenção. Quando chegaram os colonizadores alemães e italianos, do Rio Grande do Sul, interessados nos pinhais existentes, os caboclos vendiam logo as terras pois nunca tinham visto tanto dinheiro e não sabiam o valor das terras que estavam vendendo nem do dinheiro que estavam recebendo.

Teodomiro de Agular, em entrevista colhida pelo projeto explica em sua simplicidade o impasse em que viviam as famílias destes que foram os primeiros brancos a desbravar o grande oeste: "Aqui, naquele tempo nós vivia que nem bicho. Aqui não tinha mais jeito quase pra vive (...) Da erva-mate não tinha tanta. Agora o pinhal tinha. Depois começo a vim pra mão dos rico, dos grandes (...) Eu tinha bastante terra, tinha ganhado, mas me vi obrigado a vender pra não ter não havê desastre na família..."

Poucos colonos reunidos por José Bernardino Bormann mantiveram a propriedade de suas terras. Alguns, no entanto, venderam a maior parte dela, ficando com uma pequena parte que lhes permitisse a sobrevivência. O trabalho do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste preocupa-se em interpretar as características da ocupação cabocla, geralmente relegada a segundo plano em função de sua pouca expressão econômica. No entanto, entendê-los é fundamental. Lembrá-los torna-se uma obrigação ineludível e estudá-los, uma necessidade histórica.

TRÊS SÍTIOS REVELAM A HISTÓRIA

Caxambu do Sul — O município tem três sítios (dois cerâmicos Guarani e um de sinalizações rupestres) pesquisados pelo padre João Alfredo Rohr, em 1968, todos na localidade de Volta Grande, onde estão os três garimpeiros fazendo escavações. O primeiro fica sobre o rio Uruguai, nas terras de Renato Oliveira Ramos, onde foram localizados cacos de cerâmica, dois tametês (vaso de cerâmica indígena) e cinco urnas funerárias; o segundo também nas encostas do Uruguai, onde o dono da área, Osvaldo Stobl, encontrou pontas de flechas, numerosos cacos e mais de uma dúzia de urnas.

E, também, na Volta Grande, a dois quilômetros do rio, num lagoado de 10 metros quadrados, foram localizadas inscrições rupe-

stres na forma de desenhos de mãos, pés e animais estilizados. Provavelmente o mesmo local onde José Hauser dinamitou há 20 anos, já que o padre Rohr anotou que "caçadores de tesouros dinamitaram a rocha, abrindo um poço de 10 metros de profundidade". Justamente sobre a destruição dos sítios arqueológicos no Oeste, uma equipe de professores da Fundeste, em Chapecó, chama a atenção no 2º volume dos Cadernos do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste, coordenado pelo autor do projeto, professor Santo Rosseto, dedicado às culturas pré-históricas na região.

Há cinco anos, a professora Marielandi Goulart, da UFSC (Universidade Federal de Santa Catari-

na), também informava que o "processo de destruição de sítios arqueológicos no rio Chapecó foi violento". Por falta de conscientização da população local, "que não tratou da preservação... A utilização do trator na lavoura foi a principal causa dessa destruição e sempre haverá esta lacuna no conhecimento da pré-história de Chapecó."

Para os professores da Fundeste, o espaço habitacional pré-histórico do Oeste do Estado não tem sido, ainda, suficientemente investigado e grande parte dos vestígios permanecem desconhecidos. "Porém, pior que a falta de estudos científicos é o risco que se corre de perder valiosas fontes documentais da nossa pré-história", concluem os professores (A.S.)

PROFESSORA DEFENDE A PRESERVAÇÃO

Há urgente necessidade de se iniciar um trabalho de resgate da memória sócio-cultural do Oeste, baseado na conscientização comunitária. Essa é a advertência da professora Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz, da Fundeste (Fundação de Ensino do Desenvolvimento do Oeste), contida em seu trabalho "Síntese Pré-Histórica da Região Oeste de Santa Catarina", apresentado este ano para obtenção do grau de licenciatura em Estudos Sociais.

A análise das técnicas de produção de pedra, ossos, produtos de madeira, trançados e até os fragmentos de cerâmica "são de fundamental importância para o estudo dos grupos humanos que os produziram", o mesmo ocorrendo com grutas, abrigos sob rochas e locais de sepultamentos. "Todos esses vestígios relacionados no seu contexto e entre si, permitem determinar quem foram e como viviam os habitantes que no passado remoto vi-

veram na região", diz a professora.

Hilda Ortiz lembra que "esses mudos testemunhos do passado" vem sendo destruídos por serem considerados "coisa de bugre" de um lado, e de outro, "por despertar a cobiça de desinconformados caçadores de lendários tesouros", quando não sofrem atos de vandalismo em nome do progresso, como lavouras mecanizadas, hidrelétricas ou novas rodovias. (A.S.)

* Santos, Alcebíades. Três sítios revelam a história. Diário Catarinense, Florianópolis, 20 dez. 1987 p. 12

MUSEU RESGATA HISTÓRIA DE SÃO CARLOS

Aicebádes Santos

São Carlos

No mesmo período onde há 50 anos funcionou o primeiro colégio do município de São Carlos, a 668 quilômetros de Florianópolis, está hoje o Museu Municipal. Ele foi aberto a visitação pública no último dia 10 de outubro, depois que o prefeito Claudio Alberto Campos comprou o local e gastou cerca de Cz\$ 1 milhão e 500 mil para recuperá-lo. "Não mudamos nem uma telha do que era o original", orgulha-se ao destacar o trabalho de um grupo de cinco pessoas que integram a comissão de resgate da memória sócio-cultural do Município.

Por pouco o prédio não foi demolido pelo antigo proprietário, esse ano, que desejava aproveitar o terreno e levantar ali um edifício moderno, com quatro pisos. A própria comunidade de 4 mil e 500 mil habitantes (da área urbana) levantou-se contra essa pretensão e exigiu da prefeitura uma atitude enérgica para preservar a memória do Município. O prefeito recorda que já haviam planos nesse sentido, apoiados pela Fundeste (Fundação de Ensino do Desenvolvimento do

Oeste), que tem um projeto para recuperar a memória sócio-cultural da região.

O coordenador da comissão em São Carlos, Afonso Dupont, explica que o interior e a cidade foram percorridos na busca de peças, documentos e outros objetos que remontassem a história do Município. Segundo o prefeito Claudio Campos, o museu tem hoje cerca de 300 peças, entre elas um violino de 1721, e pode ser definido como "histórico, antropológico e cultural". Para Dupont, "muitos objetos antigos estão em outros locais como no museu da PUC (Pontifícia Universidade Católica), em Porto Alegre; no Museu do Vale do Rio dos Sinos e na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)". Outros ainda serão recuperados.

STRADIVARIUS

Com seus 72 anos, Alvino Werle viaja diariamente para mostrar ao público o violino que ele acredita ser uma famosa Stradivarius. Se baseia nisso pelas inscrições do ins-

trumento, datado de 1721, onde se lê "stratuari". Dos Stradivarius, confeccionados manualmente, só existiriam de cinco a sete em todo o mundo. A peça não fica no museu, mas como foi uma doação de Werle ele faz o percurso de 10 quilômetros todo dia para deixar o violino exposto ali.

Embora cite que um museólogo da Universidade Federal esteve no município fazendo uma avaliação dos objetos expostos, antes da abertura do museu, o prefeito Claudio Campos não fala sobre a autenticidade da peça. Já o Afonso Dupont prefere não discutir a autenticidade. De qualquer forma, todos os dias, Werle está lá com seu violino.

A visitação ao museu pode ser feita na parte da tarde, com orientação de uma funcionária da prefeitura. A idéia do coordenador é abrir também aos domingos e nos dias de semana até às 22 horas aproveitando a futura instalação de um serviço telefônico no prédio, que terá um funcionamento até este horário.

**FUNDESTE
TEM UM
AMPLO
PROJETO**

Santo Rosseto: sentido exato ao termo cultura.

O Museu Municipal de São Carlos é a mais nítida manifestação cultural da população local, impulsionada recentemente com a implantação do Centro de Coordenação da Memória Sócio-Cultural do Oeste de Santa Catarina. O projeto é do professor e sociólogo Santo Rosseto (diretor da Fundeste) e

nele trabalham vários professores da instituição, secretarias da educação de diversos municípios, Ucre's (Unidades de Coordenação Regional de Ensino), entre outras lideranças da área da Fundação.

Em seu projeto inicial, Rosseto definiu o organismo como sendo "destinação à preservação dos elementos realmente representativos da realidade sócio-cultural da região, entendida no sentido amplo e dinâmico conferido ao ter-

*Santos, Aicebádes. Museu resgata história de São Carlos. Diário Catarinense, Florianópolis, 29 de dez 1987.

mo "cultura" envolvendo o pensar e o agir de um povo no seu constante esforço de domínio sobre a natureza e no ordenamento de suas relações sociais internas e externas".

Além do surgimento de futuros museus (Maravilha, outro município da região, ensaia a instalação de um semelhante ao de São Carlos), que procuram dar uma visão mais ampla e concreta do desenvolver histórico do Oeste, o Centro de Coordenação da Memória já publicou dois volumes de uma revista voltada para suas pesquisas: a primeira sobre o desmembramento dos municípios da grande Cha-

pecô (34), a segunda sobre achados arqueológicos e a necessidade de sua preservação. Uma terceira abordará o homem primitivo do Oeste.

Professores e outros membros das comissões municipais de resgate da memória sócio-cultural coletam informações da proto-história do Oeste Catarinense (populações tribais que ocupavam e dominavam esta região antes da chegada dos colonizadores europeus), e em seguida da própria história do povoamento (colonização e exportação intensiva do solo pelos europeus em três fases sucessivas). A primeira do bandeirismo, tropeirismo e ocupação cabocla; a segunda

da guerra do Contestado; e a terceira da colonização coletiva um estudo da migração gaúcha procedente da fronteira norte do Rio Grande do Sul.

Essa etapa dura até hoje. É uma fase que inclui o restalimento de grandes extensões de terra através das primeiras companhias colonizadoras até o atual estágio de agro-industrialização, com seu modo típico de articulação com a pequena propriedade e internacionalização da produção local. Para Santo Rossetto, em seu projeto, "a documentação material e a memória oral serão fortemente aproveitadas na ilustração dessa fase".

Programação cultural no aniversário de São Miguel*

São Miguel do Oeste - Este município no extremo-oeste de Santa Catarina, comemora hoje, dia 15 de fevereiro, 34 anos de instalação. Criado pela lei nº 133, de 30 de dezembro de 1953, da Assembleia Legislativa, São Miguel do Oeste já teve 15 pessoas a ocupar a chefia do executivo. O primeiro prefeito foi Leopoldo Otavo Erig e o atual é Luiz Basso, eleito em 15 de novembro de 1985, após muitos anos de nomeações, uma vez que o município era considerado área de interesse de segurança nacional.

Principal município da região de fronteira, possui uma área de 554 quilômetros quadrados, para uma população estimada em 60 mil habitantes. Está a 730 quilômetros de Florianópolis e limita-se ao Norte com Guaraciaba e Anchieta, ao Sul com Descanso, ao Leste com Romelândia e Maravilha e a Oeste com a República Argentina. Com um comércio bem estruturado, onde figuram mais de mil estabeleci-

mentos, São Miguel do Oeste, tem na agropecuária e na extração de madeira, suas principais bases econômicas.

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Para marcar a passagem de mais um aniversário do município, considerando o período carnavalesco, a administração Basso/Macarini decidiu realizar apenas, uma programação cultural, no dia 15 de fevereiro. Acontecerá, na presença de inúmeros pioneiros, entre eles a senhora Maria Cristina Vieira, portadora do registro de nascimento nº 001, a inauguração do Museu Histórico de São Miguel do Oeste. Os atos estão marcados para às 17h devendo ser prestigiado por autoridades, populares e população em geral.

Localizado no prédio da antiga prefeitura o Museu, também chamado de "Centro de Memória", reunirá um acervo fotográfico mostrando praticamente toda a evolu-

ção histórica do município. Além disso, segundo informou Marivalva Silva, coordenadora da instituição a ser inaugurada, estarão expostos objetos e pertences que fizeram parte da vida daquelas pessoas que a partir de 1935 se estabeleceram na área onde hoje se situa São Miguel do Oeste.

O prefeito Luiz Basso, ao comentar o assunto, destacou que através dessa iniciativa, a administração municipal objetiva resgatar o passado de muita luta e de muito trabalho das famílias que com sua bravura, enfrentando dificuldades de toda ordem, fundaram "Vila Oeste", que mais tarde deu origem a São Miguel do Oeste. Já o professor Ademar Silva, secretário de Cultura, frisou que ao homenagear os pioneiros com a instalação do Museu Histórico, no dia do aniversário do município, representa o reconhecimento para com aqueles que ao longo dos anos fizeram sua história.

*O Estado, Florianópolis, 14 e 15 fev. 1988, p. 09

